

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)

ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

ALYSSA MEDEIROS DE OLIVEIRA LIMA BARRETO

MEMÓRIA E LITERATURA NA SÉRIE HARRY POTTER, DE J. K. ROWLING

RIO DE JANEIRO

2015

ALYSSA MEDEIROS DE OLIVEIRA LIMA BARRETO

MEMÓRIA E LITERATURA NA SÉRIE HARRY POTTER, DE J. K. ROWLING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. DSc. Anna Hartmann Cavalcanti

Rio de Janeiro

2015

Barreto, Alyssa Medeiros de Oliveira Lima, 1992 –

B223m

Memória e literatura na série Harry Potter / Alyssa Medeiros de Oliveira Lima Barreto - Rio de Janeiro, 2015.

55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Orientadora: Prof. Anna Hartmann Cavalcanti

1. Memória – Aspectos sociais. 2. Memória (Filosofia). 3. Literatura Infanto-Juvenil. I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Biblioteconomia. II. Cavalcanti, Anna Hartmann. III. Título.

CDD- 909

ALYSSA MEDEIROS DE OLIVEIRA LIMA BARRETO

MEMÓRIA E LITERATURA NA SÉRIE HARRY POTTER, DE J. K. ROWLING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. DSc. Anna Hartmann Cavalcanti – Orientadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. DSc. Amir Geiger - Avaliador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª. MSc Stefanie Cavalcanti Freire - Avaliadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ao meu avô João Pereira Rodrigues,
por sempre acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família que sempre esteve ao meu lado e me acompanhou ao longo desta jornada de estudos sempre me incentivando a fazer o meu melhor, orientando e se sacrificando para que eu pudesse chegar até aqui.

A Deus que eu descobri tardiamente que sempre esteve ao meu lado, me dando força para persistir e alcançar meus objetivos.

Ao Rafael por ter me acompanhado nesta trajetória de cinco anos na graduação, me apoiando e suportando meu estresse, sempre buscando o melhor de mim e me mostrando o mundo que eu não conhecia.

À Ana Carolina, Bárbara e Clarissa por me aturarem e apoiarem nestes semestres que se estendiam. E serem minhas eternas amigas leitoras, que me fazem discutir e abrir minha mente pra novos livros. Companheiras de trabalho, faculdade e leitura.

À Camila Mendes, Camilla Sobreira, Luiza Kraft e Marcella Pereira por me aceitarem como integrante tardia do grupo e por serem minhas companhias nas infinitas aulas. E estarem me acompanhando neste desafio final que é o TCC. Unidas venceremos!

Especialmente, à minha irmã que me apresentou o primeiro filme de Harry Potter e fez com que eu me apaixonasse pela série. Por ser minha companheira e me fazer rir em qualquer momento.

À minha orientadora, Anna Hartmann, por toda paciência, disponibilidade e apoio durante os últimos meses. E toda sabedoria que me transferiu.

A todos os autores do mundo que me transportam a lugares incríveis e ainda abrem minha mente para questões totalmente novas.

À Unirio que apesar de todos os obstáculos permitiu que eu me formasse e mostrou que nada na vida é fácil.

Um leitor vive mil vidas antes de morrer.
Um homem que nunca lê, vive apenas uma.

George R. R. Martin

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda a problematização do tema da memória na literatura ficcional a partir de uma análise da obra Harry Potter, de Joanne Kathleen Rowling. A memória é analisada tanto sob o ponto de vista de sua natureza e formas de funcionamento quanto de sua relação com a cultura e com a contemporaneidade. O trabalho se deu por meio de pesquisa bibliográfica acerca da conceituação da memória, visando esclarecer os dois aspectos indicados acima, e da identificação, na narrativa de Harry Potter, de elementos que indicam uma reflexão sobre a memória. A análise destes elementos, com base nos conceitos expostos pelos autores selecionados, permitiu que concluíssemos que a literatura é capaz de problematizar as questões da atualidade, recriando-as no plano ficcional e permitindo que os leitores se confrontem com tais problemas, gerando novas perspectivas e formas de interpretação acerca dos temas abordados, no caso, a memória e sua relação com o presente.

Palavras-chave: Memória. Harry Potter. Literatura ficcional.

RESUMEN

Este trabajo de curso conclusión aborda la problematización del tema de memoria en la literatura ficcional desde el análisis de la serie Harry Potter, de Joanne Kathleen Rowling. La memoria es analizada desde el punto de vista de su naturaleza y formas de operación cuanto de su relación con la cultura y con la contemporaneidad. El trabajo se dio por medio de búsqueda bibliográfica acerca de la conceptualización de la memoria, con el objetivo de aclarar los dos aspectos indicados arriba, y de la identificación, en la narrativa de Harry Potter, de elementos que indican una reflexión acerca de la memoria. El análisis de estos elementos, con base en los conceptos expuestos por los autores seleccionados, permitió que llegásemos a la conclusión que la literatura es capaz de problematizar las cuestiones de la actualidad, recreando-las en el plan ficcional y permitiendo que los lectores se confronten con estos problemas, generando nuevas perspectivas y formas de interpretación acerca de los temas abordados, en el caso, la memoria y su relación con el presente.

Palabras-clave: Memoria. Harry Potter. Literatura ficcional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVO E PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	16
2	MEMÓRIA: ALGUNS CONCEITOS	17
2.1	MEMÓRIA: GÊNESE E FUNCIONAMENTO	17
2.2	MEMÓRIA E CULTURA	23
3	A SÉRIE HARRY POTTER	28
3.1	LITERATURA E MEMÓRIA	28
3.1.1	Memória Individual e Coletiva	29
3.1.2	Tradição	38
3.2	LITERATURA E TRAUMA	42
3.2.1	Trauma	42
3.2.2	Poder e Versões da História	47
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

A série literária infanto-juvenil Harry Potter, escrita por Joanne Kathleen Rowling, teve seus sete livros publicados ao longo de dez anos, de 1997 a 2007, e alcançou grande sucesso, sendo traduzida para 69 idiomas e vendendo, até 2011, cerca de 600 milhões de exemplares. Além disso, a série deu origem a oito filmes, jogos para computadores e videogames, entre outros itens.

Apesar de ser classificada como infanto-juvenil, a série foi capaz de alcançar crianças, adultos e idosos em diversas partes do mundo. O motivo de escolha da série como objeto de estudo foi o modo singular como a questão da memória e do presente se insere na trama de Harry Potter, que apresenta em sua narrativa diversos pontos interessantes para uma análise da literatura como fonte de reflexão sobre a memória e sua relação com a sociedade atual. É possível notar que na trama se evidenciam algumas mazelas da sociedade, como disputas de poder, preconceito, traumas, o que permite que se realize um paralelo entre a trama e a atualidade.

Na estória de Harry Potter, o garoto que, em seu décimo primeiro aniversário, descobre pertencer à sociedade bruxa, é possível observar a busca pelo passado para que se possa compreender o presente, o que indica que a preocupação com as questões da memória está presente não apenas nos romances históricos ou nas biografias, no campo da “literatura memorialística” como define Huysen (2000, p. 14), mas também na literatura ficcional.

Neumann propõe definir os livros de literatura, que não têm como função apenas retratar o passado, como “ficção de memória” (2010, p. 334), esse termo designa, segundo a autora:

First, the phrase refers to literary, non-referential narratives that depict the workings of memory. Second, in a broader sense, the term “fictions of memory” refers to stories that individuals or cultures tell about their past to answer the question “who I am?”, or, collectively, “who are we?”. (NEUMANN, 2010, p. 334)

As ficções de memória seriam, em primeiro lugar, as narrativas ficcionais que trazem em sua constituição elementos que demonstram, de algum modo, o funcionamento da memória. A emergência de certos momentos passados para auxiliar o presente, como ocorre na trama de Harry Potter, na qual a estória se constitui num movimento em direção ao passado, que permite ao personagem encontrar evidências que o auxiliam na constituição de sua identidade como bruxo.

O segundo aspecto da definição de Neumann designa as ficções de memória como aquelas em que se pode verificar a presença de estórias contadas por indivíduos e culturas que permitem a reconstituição da memória, a partir do conhecimento do passado e das disputas de poder que o constituíram. Esse aspecto caracteriza, também, a trama de Harry Potter, pois, para descobrir-se como bruxo, é necessário ter acesso às histórias contadas por outros integrantes desta sociedade.

Ou seja, diferentemente de livros como biografias e romances históricos que são considerados literatura de memória por retratarem acontecimentos passados, as ficções de memória trabalham no campo ficcional as questões de memória presentes na sociedade.

Sendo assim, a série de livros ficcionais Harry Potter será analisada a partir da noção proposta por Neumann, que considera a ficção também como uma forma de expressar as preocupações da atualidade, visto que o tema da memória emergiu com tanta força nas últimas décadas:

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX. (HUYSSSEN, 2000, p. 9)

Uma nova interrogação acerca da memória emergiu a partir das transformações pelas quais a sociedade passou nos últimos séculos. Ao longo de um vasto período histórico, não foi possível registrar todos os acontecimentos, nem difundir a produção intelectual, visto que não havia meios para tal, entretanto, a partir da invenção da imprensa, por Gutenberg, o registro de informações foi facilitado, afinal não era mais necessário esperar que os copistas terminassem a cópia de uma obra, várias cópias eram produzidas em um curto espaço de tempo.

Esta invenção permitiu uma intensificação da produção de informação, o que gerou um problema de armazenamento já nos seus primeiros séculos, pois as bibliotecas, que antes eram vistas como espaço de armazenamento do conhecimento, se mostraram incapazes de armazenar tudo o que era produzido, ou mesmo incapazes de ter acesso à completude da produção literária.

Devido a esta explosão da informação e laicização do conhecimento, as bibliotecas adotaram um novo modelo baseado no acesso e não na armazenagem. Porém, apesar de esta atitude ter auxiliado na resolução de alguns problemas dos bibliotecários, não solucionou a explosão de informações com que a sociedade teve de lidar.

A explosão informacional se intensificou com o advento da internet, pois o conhecimento, que antes era registrado em suporte físico, geralmente papel, passou a ser registrado em suporte digital, que permite o acesso de todos, em diferentes pontos do planeta, e as informações produzidas geram cada vez mais produção informacional.

Segundo Huyssen, conforme as mudanças se aceleram, a percepção que os indivíduos têm do tempo e espaço se modificam. Na época contemporânea, o foco nos futuros presentes, que caracterizava a modernidade, foi direcionado para os passados presentes e houve o deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo:

A minha hipótese é que, [...], precisa-se da memória e da musealização, juntas, para construir uma proteção contra obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade da mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes do tempo e do espaço (2000, p. 28).

Deste modo, a necessidade de resgatar a memória e ancorá-la no presente é uma consequência das grandes mudanças que ocorrem atualmente. Uma resposta ao encurtamento do presente, que impede os indivíduos de elaborarem suas experiências. Esta dificuldade de elaboração, gerada pela mínima durabilidade do presente, ocasiona o esquecimento, que conseqüentemente provoca um fascínio pela memória, a busca pelo que já não está acessível.

De acordo com o autor, a velocidade das transformações tecnológicas e a sobrecarga de informações geram, na cultura, o medo do esquecimento e uma sensação de instabilidade, devido a este presente que escapa. Em compensação a tal sentimento é gerado o fascínio pela memória, no qual se retoma, de diversas perspectivas, o passado. Isto pode ser considerado como o transbordamento da memória, pois quanto mais as pessoas têm dificuldade em elaborar o presente, para que haja apreensão dos acontecimentos em sua memória, mais elas procuram meios de armazená-los, o que é possibilitado pelas novas tecnologias.

Entretanto, essas novas tecnologias ao mesmo tempo em que permitem o armazenamento massivo de informações, também geram uma quantidade cada vez maior de produtos que já nascem obsoletos. Como as transformações ocorrem em velocidade crescente, o que é produzido pode rapidamente desaparecer, tendo em vista a criação de novas tecnologias, atitudes e estilos de vida.

A dinâmica do medo de esquecer e fascínio pela memória pode ser observada na produção da mídia, pois ela assume um papel ambíguo, podendo provocar o esquecimento,

devido ao excesso e à fugacidade das informações, e também como forma de resgatar a memória:

o *boom* das modas retrô e dos utensílios reprô, a comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com suas difíceis negociações entre fato e ficção), a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão, incluindo, nos Estados Unidos, um canal totalmente voltado para história: *History Channel*. (HUYSSSEN, 2000, p. 14, grifo do autor)

A fugacidade de informações refere-se à obsolescência do que é produzido, há uma durabilidade mínima de objetos e valores, pois a todo momento criam-se novidades que vêm substituí-los. Essa mudança constante gera o esquecimento, porque não é possível elaborar os acontecimentos devido à rapidez com que ocorrem, em um deslocamento contínuo de atenção de um objeto a outro, uma informação a outra.

Por isso, atualmente testemunha-se a emergência de inúmeras formas de rememoração, a busca por formas estendidas de temporalidade, a partir das quais não apenas a mídia e as novas tecnologias, mas também diversas formas de arte e de cultura, como os museus, têm papel importante para a criação de registros das experiências vividas. Para Huyssen, quanto mais o futuro nos alcança, mais as pessoas sentem a necessidade de retornar ao passado, como forma de elaboração de experiências.

Huyssen (2000, p. 76) observa, ainda, que o “fascínio pelo passado”, que se manifesta em inúmeras formas de arte, pode ser interpretado como uma forma de lidar com a aceleração do tempo, como uma tentativa, frágil e contraditória, de contrabalançar a tendência da cultura ao esquecimento. A partir das reflexões do autor, consideramos possível abordar a literatura ficcional como uma forma de dialogar com as questões da atualidade e de confrontar o leitor com o presente através de indagações que dizem respeito ao passado e à memória.

Na passagem acima mencionada, Huyssen cita a literatura como meio de resgatar o passado, mas se limita a romances autobiográficos e históricos pós-modernos e literatura memorialística e confessional porém, no presente trabalho, os livros de ficção da série Harry Potter serão analisados como fonte de compreensão sobre as questões de memória, pois “literary fictions disseminate influential models of both individual and cultural memories as well as of the nature and functions of memory” (NEUMANN, 2010, p. 333).

Assim, não apenas filmes e gêneros literários voltados para o passado são uma expressão da preocupação com a memória, como Huyssen destaca, mas também a literatura

ficcional, no caso a série Harry Potter, permite uma reflexão sobre a memória e sua relação com o presente.

Os livros, em geral, podem ser considerados como meio de registro do passado, tornando-o acessível no futuro, exercendo, assim, a mesma função que as tabuletas escritas:

O inventor das primeiras tabuletas escritas deve ter percebido as vantagens que essas peças de argila ofereciam sobre manter a memória no cérebro: primeiro, a quantidade de informação armazenável nas tabuletas era infinita – podiam-se produzir tabuletas *ad infinitum*, ao passo que a capacidade de lembrança do cérebro é limitada; segundo, para recuperar as informações das tabuletas, não exigiam a presença de quem guardava a lembrança. De repente, algo intangível – um número, uma notícia, um pensamento, uma ordem – podia ser obtido sem a presença física do mensageiro; magicamente, podia ser imaginado, anotado e passado adiante através do espaço e do tempo. (MANGUEL, 2008, p.101)

Assim, os livros, permitindo acesso futuro às informações contidas neles, se tornam objeto de estudo e fonte de informações para o entendimento do passado. Principalmente numa sociedade em que a memória emerge como um tema de reflexão, visto que ela passa, como vimos, por muitas transformações em um curto espaço de tempo.

Portanto, abordamos aqui a literatura como fonte de reflexão sobre a memória e o presente, restringindo-nos a tratar de um tipo específico de literatura, a ficcional. Esta delimitação nos permite uma análise mais detalhada acerca deste gênero literário. Possibilitando uma reflexão sobre sua capacidade de criar um mundo novo, que, mesmo que fictício, permite um diálogo com a sociedade atual.

A construção ficcional é capaz de metaforizar a atualidade, inspirando-se em seus elementos para a construção de uma estória diferente, que proporciona ao leitor o envolvimento com a narrativa e sua conexão com o presente.

The study of literary representations of individual processes of memory has always been one of the central epistemological interests in literary studies. Numerous studies of various epochs and authors have shown that literature, both thematically and formally, is closely interwoven with the thematic complex of memory and identity. (NEUMANN, 2010, p. 333)

Logo, o estudo sobre a série de livros Harry Potter como uma alegoria do presente, ou seja, uma narrativa que apresenta elementos do presente de forma ficcional, recriando os acontecimentos, permitirá um melhor entendimento de como a literatura ficcional pode ter em sua narrativa elementos de memória e que meios utiliza para metaforizar as questões da atualidade.

1.1 OBJETIVO E PROBLEMA DE PESQUISA

O objetivo deste trabalho é discutir como a literatura ficcional pode atuar como um recurso de reflexão sobre a memória tanto quanto a “literatura memorialística” (HUYSSSEN, 2000, p.14), visto que suas narrativas se constroem também com base em elementos presentes nas sociedades, que confrontam suas diferentes visões nos processos de construção da memória.

En cualquier momento y lugar, es imposible encontrar *una* memoria, una visión y una interpretación únicas del pasado, compartidas por toda una sociedad. Pueden encontrarse momentos o períodos históricos en los que el consenso es mayor, en los que un <<libreto único>> del pasado es más aceptado o aun hegemónico. Normalmente, ese libreto es lo que cuentan los vencedores de conflictos y batallas históricas. Siempre habrá otras historias, otras memorias e interpretaciones alternativas en la resistencia, en el mundo privado, en las <<catácumbas>> (JELÍN, 2002, p. 5-6)

Outro aspecto interessante é verificar de que modo essa literatura ficcional pode transmitir aos leitores informações que lhes ajudem a compreender o passado e o presente, pois como defende Neumann “true, literature draws upon the extra-textual reality. However, as a de pragmaticized medium, it represents a constructive way to encounter the world, and creates its own memory worlds with specifically literary techniques” (2010, p. 334)

Logo, o objetivo geral do presente trabalho é:

- Analisar a série de sete livros Harry Potter, verificando sua capacidade de atuar como item problematizador das questões pertinentes à atualidade e fonte de informações no que concerne ao tema da memória.

E, quando abordamos a literatura como problematizadora das questões que se evidenciam na sociedade, nos referimos à capacidade dela de:

on the textual level, novels create new models of memory. They configure memory representations because they select and edit elements of culturally given discourse: They combine the real and the imaginary, the remembered and the forgotten, and, by means of narrative devices, imaginatively explore the workings of memory, thus offering new perspectives on the past. Such imaginative explorations can influence readers’ understanding of the past and thus refigure culturally prevailing versions of memory. Literature is therefore never a simple reflection of pre-existing cultural discourses; rather, it proactively contributes to the negotiation of cultural memory (NEUMANN, 2010, p. 334-335).

Assim, a literatura não funciona como uma representação da sociedade, pois não se limita a narrar situações reais de acordo com uma história estabelecida, ela permite aos autores elaborarem versões diferentes da história, misturando elementos reais e imaginários. Esta transformação das informações reais passadas ao imaginário admitem que novas perspectivas sejam criadas, provocando discussão a respeito dos acontecimentos e gerando novas interpretações da memória cultural.

Para atingir o objetivo geral, serão desdobrados os seguintes objetivos específicos:

- Identificar na série Harry Potter características referentes às questões de memória;
- Analisar os elementos de memória encontrados e com isso verificar se a série pode ser inserida no gênero ficções de memória.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a resolução dos objetivos deste estudo serão expostos, no capítulo 2, alguns conceitos pertinentes para a compreensão do que é memória. Por se tratar de um conceito amplo, presente em diversas disciplinas, não nos propomos aqui a uma única definição, mas sim explorar alguns de seus aspectos como memória individual e coletiva, traumas, tradição, disputas de poder, que estejam de acordo com a finalidade do estudo e permitam um melhor entendimento sobre sua presença na sociedade atual.

No capítulo 3, apresentaremos um breve resumo sobre a série Harry Potter, com o objetivo de situar o estudo e permitir a compreensão da estória e da análise que se realizará.

Nesse mesmo capítulo, com base no conhecimento adquirido sobre o tema de memória, a estória criada por J. K. Rowling será analisada sob dois aspectos que são pertinentes para a questão de memória: a primeira, Literatura e Memória, será mais abrangente no que tange às preocupações com a memória e suas formas de recuperação; e a segunda, Literatura e Trauma, abordará algumas das questões que estão em contínua interação com a memória, como esquecimento, silêncios e traumas.

Tendo em vista que a obra escolhida foi escrita como uma série, e a estória se passa no decorrer de sete anos, os livros foram analisados como um todo, por isso, não se realizará uma divisão da estória de acordo com os livros, mas sim sob os aspectos relativos à memória que se destacaram na estória.

2 MEMÓRIA: ALGUNS CONCEITOS

Para analisar a narrativa de Harry Potter como uma alegoria do presente que retrata as preocupações com a questão da memória, deve-se entender, primeiramente, o que é a memória, o que ela significa, tanto em seu funcionamento psíquico quanto no papel que desempenha na cultura.

Em sentido amplo, o Dicionário de Português Online Michaelis (2009) define:

Sf (lat memória) **1** Faculdade de conservar ou readquirir ideias ou imagens. **2** Lembrança, reminiscência: Memória do passado. [...] **13 Psicol** Em sentido geral e abstrato, a capacidade dos organismos vivos de se aproveitarem da experiência passada, em virtude da qual passam a ter uma história; fundamento do aprendizado em geral em qualquer de seus aspectos (motor, emocional, verbal, consciente, inconsciente).

Acima, foram expostas algumas das principais definições do termo memória encontradas nesse dicionário e é perceptível nestes três termos que o principal ponto para o estudo da memória é a relação passado/presente. Entretanto, esta relação entre passado e presente é analisada de múltiplas formas, sob a perspectiva de diferentes saberes e como defende Assmann:

Essa variedade de abordagens da questão revela que a memória é um fenômeno que nenhuma disciplina pode monopolizar. O fenômeno da memória, na variedade de suas ocorrências, não é transdisciplinar somente no fato de que não pode ser definido de maneira unívoca por nenhuma área; dentro de cada disciplina ele é contraditório e controverso (2011, p. 20)

Portanto, reitera-se que não será possível encontrar aqui uma definição única do que é a memória, mas sim abordar um conjunto de aspectos relevantes acerca da memória, que contribua para o desenvolvimento da análise da série Harry Potter.

É importante compreender, em um primeiro momento, como a memória funciona para que depois possamos compreendê-la inserida na esfera social. Logo, nas próximas páginas serão expostas algumas definições acerca destes dois modos interpretativos.

2.1 MEMÓRIA: GÊNESE E FUNCIONAMENTO

Anteriormente, a memória estava diretamente ligada à capacidade humana de gravar informações sem recorrer a instrumentos de auxílio, saber por si mesmo. O ato de decorar ou “saber de cor” (ASSMANN, 2011, p.16) era uma virtude que poucos possuíam, mas que com o passar do tempo perdeu sua importância.

Este declínio na importância de decorar informações está ligado ao aumento da produção informacional, visto que não seria possível memorizar tudo o que era produzido e também desnecessário memorizar algo que se podia encontrar em livros ou outros suportes.

Assim, a mnemotécnica, ou seja, a técnica de memorização, como apenas a capacidade de memorizar mecanicamente as informações, foi sendo abandonada “em favor de concepções mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso” (LE GOFF, 1990, p. 366).

A mnemotécnica romana foi concebida como um procedimento adquirível e aplicável a vários fins e que objetivava o armazenamento confiável e a recuperação idêntica das informações inseridas na memória. A mnemotécnica eliminava a dimensão do tempo, ou seja, o tempo em si não era um agente estruturador no processo, que por isso mesmo se apresentava como um procedimento puramente espacial. (ASSMANN, 2011, p.32)

Estas concepções mais complexas da capacidade de memorizar que surgiram ao longo do século XIX estão ligadas ao desenvolvimento dos estudos sobre o funcionamento do cérebro e sua relação com o aparelho psíquico. Inserido nestes estudos, Bergson, em sua obra *Matéria e Memória*, identifica dois tipos de memória:

A primeira registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. (1999, p.88)

A primeira registraria todos os acontecimentos da vida do indivíduo, enquanto o segundo tipo seria responsável por registrar o passado sob a forma de hábitos motores, uma memória de ações:

Mas toda percepção prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir. [...] A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente. (BERGSON, 1999, p.89)

De acordo com as definições anteriores, Bergson (1999, p. 91, grifo do autor) sintetiza os dois tipos de memória:

Das duas memórias que acabamos de distinguir, a primeira parece portanto ser efetivamente a memória por *excelência*. A segunda, aquela que os psicólogos estudam em geral, é antes o *hábito esclarecido pela memória* do que a memória propriamente.

Ou seja, para o filósofo Bergson os indivíduos possuem dois tipos de memória, o primeiro é a memória propriamente dita, que registra todos os acontecimentos e vivências do indivíduo, em sua riqueza de detalhes. Já a segunda, trata-se da memória ligada ao hábito, que permite ao indivíduo realizar ações do seu dia-a-dia. A seguinte definição esclarece a dinâmica existente entre os dois tipos:

Das duas memórias que distinguimos, a segunda, que é ativa ou motora, deverá portanto, inibir constantemente a primeira, ou pelo menos aceitar dela apenas o que é capaz de esclarecer e completar utilmente a situação presente: deste modo se deduzem as leis da associação de ideias (BERGSON, 1999, p.93)

O segundo tipo de memória é responsável, segundo o autor, por permitir que algumas memórias sejam resgatadas do primeiro tipo de memória (armazenamento), para que executem funções úteis para o indivíduo no momento presente. Isto explicaria o fato de algumas memórias se tornarem disponíveis às pessoas em certos momentos, mas se fazerem imperceptíveis em outros.

É importante ressaltar que em seu livro *Matéria e Memória*, Bergson não considera a memória como materialidade contida no cérebro, ao contrário, ele defende que a memória encontra-se em suspensão no indivíduo, em estado virtual, e o cérebro é responsável por acionar as memórias de que o indivíduo necessita para a ação: “nosso estado cerebral contém mais ou menos de nosso estado mental, conforme tendemos a exteriorizar nossa vida psicológica em ação, ou a interiorizá-la em conhecimento puro” (BERGSON, 1999, p. 1).

Caso todas as memórias armazenadas emergissem durante todo o tempo, e não fossem inibidas, os seres humanos se encontrariam paralisados pela quantidade de informação com a qual teriam de lidar, nesse transbordamento de memória, pois poucas delas seriam úteis para o momento vivenciado. Esse transbordamento impediria que os indivíduos exercessem ações, afinal teriam de lidar com muitas possibilidades e interpretações.

Além das definições de Bergson, relevante para este estudo é também a diferenciação da memória como *Ars* e *Vis*, elaborada por Assmann (2011, p.33). A memória *Ars*, ou memória arte, compreende “todo o procedimento mecânico que objetiva a identidade entre o

depósito e a recuperação de informações” (ASSMANN, 2011, p. 33), na qual se tem certeza de que aquilo que foi arquivado será recuperado da mesma forma, enquanto na memória *Vis*, ou memória potência, “o tempo interfere no processo da memória, há um deslocamento fundamental entre o que foi arquivado e sua recuperação” (ASSMANN, 2011, p. 33).

É importante ressaltar que a concepção da autora sobre memória arte, não se refere à memória natural, mas sim a um artifício da mnemotécnica criado para suprir e compensar as imperfeições da memória natural. Refere-se à técnica de memorização.

Assmann considera o caminho da memória *Ars* como armazenamento, criado artificialmente, enquanto *Vis* é o processo de recordação. A partir deste momento, é necessário diferenciar os conceitos de memória e recordação.

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento de sua recuperação. [...] O ato do armazenamento acontece contra o tempo e o esquecimento, cujos efeitos são superados com a ajuda de certas técnicas. O ato de recordação por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo. (ASSMANN, 2011, p. 34)

Com base nisso, pode-se entender que a memória é o armazenamento de informações, não estando voltada para o seu uso prático, ela apenas guarda as lembranças de uma vida e as mantém em suspenso, sem que o indivíduo tome consciência de todas as suas lembranças. Já a recordação é o movimento de acessar essas lembranças, e tornar-se consciente desta emergência. Este movimento é influenciado pelo presente.

Logo, de acordo as concepções supracitadas de Bergson e Assmann, é possível aproximar a concepção de memória dos dois autores, pois, ainda que o primeiro refira-se ao funcionamento psíquico da memória, como registro de todo nosso passado, e a segunda desenvolva concepções relativas ao artifício de memorização, ambos abordam dois momentos do funcionamento da memória, o armazenamento e a recordação. Em suma:

a memória nos acompanha em sua integralidade ao longo de toda nossa vida, mas se mantém, em sua totalidade, em estado virtual, atualizando-se em função de situações e interesses presentes. Nesse sentido, a função do cérebro também é a de suspender a memória, a de nos proteger de sua invasão avassaladora. (BERGSON, 1985 apud FERRAZ, 2008, p. 187)

Assmann aborda a memória, a partir do escritor Spencer, com a metáfora de um ancião que possui uma biblioteca onde guarda livros e seu ajudante que é responsável por localizá-los e retirá-los de seu estado latente (2011, p. 171-172). Tal metáfora demonstra dois aspectos de como a memória pode ser concebida: como armazenamento, conservando a integralidade

da vida e como recordação, que retira o que está armazenado de seu estado de latência, trazendo-o à tona.

Com isso, entende-se que a memória fica armazenada nos indivíduos durante toda a vida, encontrando-se em suspenso para evitar o transbordamento de informações e consequente paralisação das pessoas. E o ato de recordar é um modo de atualização do indivíduo no presente, de acordo com uma carga de conhecimento adquirido, permitindo que ele possa, no presente, agir com base em uma experiência anterior.

Contudo, existem vários fatores que podem influenciar o acesso à memória e até mesmo impedi-lo, como traumas psicológicos que bloqueiam o acesso, e traumas físicos que podem levar à amnésia parcial ou total.

Por isso, é interessante inserir aqui algumas definições referentes à medicina, pois elas se aproximam das definições expostas acima e tentam compreender os mecanismos que o cérebro utiliza para armazenar e recordar.

De acordo com o neurocirurgião Roberto Godoy (2012) “há duas maneiras pelas quais o cérebro adquire e armazena informações: a memória de procedimento e a memória declarativa”. Definiremos as duas a seguir:

A memória de procedimento (também chamada implícita) armazena dados relacionados à aquisição de habilidades mediante a repetição de uma atividade que segue sempre o mesmo padrão. Nela se incluem todas as habilidades motoras, sensitivas e intelectuais, bem como toda forma de condicionamento. A capacidade assim adquirida não depende da consciência. Somos capazes de executar tarefas, por vezes complexas, com nosso pensamento voltado para algo completamente diferente. Por outro lado, a memória declarativa (também chamada explícita) armazena e evoca informação de fatos e de dados levados ao nosso conhecimento através dos sentidos e de processos internos do cérebro, como associação de dados, dedução e criação de ideias. Esse tipo de memória é levado ao nível consciente através de proposições verbais, imagens, sons, etc. A memória declarativa inclui a memória de fatos vivenciados pela pessoa (memória episódica) e de informações adquiridas pela transmissão do saber de forma escrita, visual e sonora (memória semântica) (GODOY, 2012).

Deste modo, a memória de procedimento e a declarativa têm como função o armazenamento de informações, se enquadrando dentro do primeiro conceito de memória citado por Bergson. Entretanto, a memória declarativa de Godoy está relacionada aos dois últimos conceitos dos autores supracitados, correspondendo à recordação.

Ainda segundo Godoy, não há um local determinado no cérebro, responsável pelo armazenamento de memórias; entretanto algumas estruturas do cérebro são reconhecidas como partes do processo de aquisição e armazenamento de dados.

De acordo com o neurocirurgião, o armazenamento de memórias pode se dividir em três tipos: memória de trabalho, de curto prazo e de longo prazo. Os dois últimos são de maior interesse para este estudo, visto que envolvem um período maior de tempo. A de curto prazo armazena os dados por um período de tempo até que sejam armazenados definitivamente na memória a longo prazo.

A memória a longo prazo permite armazenamento definitivo e assim, a recuperação das informações. Segundo Godoy (2012) “sua capacidade de armazenamento é praticamente ilimitada”. A memória a curto prazo pode se perder irreparavelmente em caso de trauma, pois as informações ali contidas ainda não foram armazenadas em definitivo.

Podemos fazer um paralelo entre Bergson e Godoy, enquanto este último afirma que não foi encontrado um local específico onde a memória fica armazenada no cérebro, apenas locais que estão relacionados a sua aquisição e armazenamento, Bergson afirma que a memória não está localizada materialmente no cérebro, mas pertence a uma dimensão imaterial, o que supõe compreender o cérebro como instrumento evocador das memórias em suspensão.

Além disso, os três tipos de memória que a medicina considera podem ser analisados em comparação com a metáfora que Assmann (2011, p.167) usa para a memória, que se assemelharia a um palimpsesto, um documento em pergaminho ou papiro usado que podia ser raspado a fim de permitir o registro de outras informações, o que resultava em camadas de escritos, um por cima do outro.

Essas camadas de escritos podem ser acessadas devido às tecnologias atualmente desenvolvidas, enquanto a memória pode ser evocada por situações presentes, a memória de trabalho se caracterizando como guarda de lembranças para uso imediato seria a primeira camada de informações do palimpsesto. As de curto prazo que ficam armazenadas em certo espaço para depois se alocarem na memória de longo prazo seriam a segunda camada, acessível após a raspagem e de acesso por necessidades do dia-a-dia. Já a memória de longo prazo que guarda todas as lembranças virtualmente, corresponderia às camadas mais antigas do palimpsesto, por serem de acesso mais difícil e dependerem de um interesse presente para que venham à superfície da consciência.

Há também outra metáfora de Assmann que ilustra o funcionamento da memória de acordo com o defendido por Bergson ela faz referência ao sótão, local onde se podem guardar objetos que as pessoas não utilizam comumente e que serve de depósito. O sótão seria a memória em seu estado suspenso, ou seja, ela faz parte do indivíduo, mas ele não toma

consciência de sua totalidade, apenas sabe que existem informações ou coisas guardadas lá, assim como no sótão.

O ato de recordar corresponderia à ida do indivíduo até o sótão para acessar tudo o que está armazenado no local, o movimento da consciência de acionar a memória em suspenso para que ela seja útil no presente. Assim como os objetos retirados do sótão para uso.

A partir desses breves conceitos, entendemos que a memória exerce um importante papel em nossas vidas, sendo responsável por armazenar nossas vivências e todo o conhecimento adquirido, o que permite ao indivíduo se reconhecer com base em suas experiências. A memória está ligada à formação dos indivíduos e seu modo de lidar com o presente.

Como visto, apesar de armazenar o conhecimento, a memória não o disponibiliza para o indivíduo a todo tempo, ela só permite que ele tome consciência de tal memória a partir de mecanismos do presente que a acionam e resgatam, fazendo-a emergir.

Considerando que a memória apresenta-se em estado virtual e atualiza-se conforme as necessidades dos indivíduos e grupos, podemos analisar sua presença na narrativa de Harry Potter, verificando o modo como sua virtualidade se apresenta e os mecanismos de atualização que os personagens utilizam para evocá-las.

Também podemos analisar como as memórias que se atualizam contribuem para a construção da identidade dos personagens e no desvelamento sobre a sociedade bruxa.

Os conceitos apresentados anteriormente se limitaram a uma breve conceituação sobre o entendimento da memória e o modo como ela funciona. A seguir serão apresentados conceitos ligados às ciências sociais, a forma como a memória atua na sociedade e nos indivíduos.

2.2 MEMÓRIA E CULTURA

Neste item abordaremos a memória a partir do ponto de vista social, para que possamos compreender como ela se apresenta e quais as suas funções no desenvolvimento das sociedades atuais.

Segundo Jelín, para que possamos realizar uma análise sobre a presença do passado na atualidade, devemos

Primero, entender las memorias como procesos subjetivos, anclados en experiencias y en marcas simbólicas y materiales. Segundo, reconocer a las memorias como objeto de disputas, conflictos y luchas, lo cual apunta a prestar atención al rol activo y productor de sentido de los participantes en

esas luchas, enmarcados en relaciones de poder. Tercero, <<historizar>> las memorias, o sea, reconocer que existen cambios históricos en el sentido del pasado, así como en el lugar asignado a las memorias en diferentes sociedades, climas culturales, espacios de luchas políticas e ideológicas. (2002, p. 2)

A citação acima destaca o fato de a memória, sob uma abordagem social, se apresentar como um fenômeno complexo. A memória é construída culturalmente, nela interagem diversos fatores que podem modificá-la, como as experiências individuais e coletivas, as disputas de poder, esquecimentos e silêncios.

Para abordarmos a memória é necessário que exploremos algumas das vertentes que a constituem. Assim, nos limitaremos a explicitar os três fatores, supracitados, que interagem na sua constituição, visto que estes são de maior interesse para o presente estudo.

Ao discutirmos a memória individual, devemos lembrar que ela está ligada aos conceitos expostos no capítulo anterior, referente ao funcionamento da memória. A totalidade das experiências vividas pelos indivíduos é mantida durante toda a vida, porém o acesso a ela se dá por meio de mecanismos presentes que a evocam.

Logo, cada ser carrega em si suas experiências e elas são responsáveis pela formação de sua identidade, porém não podemos dissociar a memória individual da memória coletiva, visto que as experiências vividas, geralmente, estão inseridas em contextos sociais.

Las memorias individuales están siempre enmarcadas socialmente. Estos marcos son portadores de la representación general de la sociedad, de sus necesidades y valores. Incluyen también la visión del mundo , animada por valores, de una sociedad o grupo. (JELÍN, 2002, p. 20)

Devemos, então, partir da premissa de que o homem é um ser social, e desta forma está sujeito às influências exercidas pela coletividade que o rodeia. Por este motivo, não podemos separar totalmente a constituição das memórias individuais e coletivas, pois elas se influenciam mutuamente.

Os indivíduos são seres capazes de recordar suas experiências e exprimi-las para transmitirem seus saberes aos outros componentes da sociedade. Segundo Jelín (2002, p. 19), cada pessoa tem suas próprias recordações e a singularidade dessas recordações expressa sua identidade pessoal. Esses processos, no entanto, não ocorrem em indivíduos isolados e sim em redes de relações sociais, em grupos, instituições. O ato de recordar supõe, assim, indivíduos inseridos em contextos de grupos e culturas, nos quais se formam experiências comuns e compartilhadas, possibilitando a construção de uma memória social.

Os grupos que se formam a partir de características e memórias comuns estão em contínua interação, suas memórias compartilhadas constituem valores para a vida social e estes valores são assimilados por seus componentes. A memória coletiva

se la puede interpretar también en el sentido de memorias compartidas, superpuestas, producto de interacciones múltiples, encuadradas en marcos sociales y en relaciones de poder. Lo colectivo de las memorias es el entretejido de tradiciones y memorias individuales, en diálogo con otros, en estado de flujo constante, con alguna organización social – algunas voces son más potentes que otras porque cuentan con mayor acceso a recursos y escenarios – y con alguna estructura, dada por códigos culturales compartidos. (JELÍN, 2002, p. 22)

Como a sociedade é formada por diversos grupos, com diferentes valores, a formação de uma memória coletiva se torna ainda mais complexa, visto que estes grupos possuem pontos de vista diferentes sobre os acontecimentos da vida social.

Para a construção de uma memória coletiva deve-se considerar a pluralidade cultural que forma a sociedade, observando que são as relações e os conflitos que se estabelecem entre os diferentes grupos que contribuem para a formação de interpretações e memórias do passado. No processo de construção da memória coletiva, algumas memórias serão desconsideradas, enquanto outras se destacarão para a formação de uma história social.

En cualquier momento y lugar, es imposible encontrar *una* memoria, una visión y una interpretación únicas del pasado, compartidas por toda una sociedad. Pueden encontrarse momentos o períodos históricos en los que el consenso es mayor, en los que un <<libreto único>> del pasado es más aceptado o aun hegemónico. Normalmente, ese libreto es lo que cuentan los vencedores de conflictos y batallas históricas. Siempre habrá otras historias, otras memorias e interpretaciones alternativas en la resistencia, en el mundo privado, en las <<catacumbas>> (JELÍN, 2002, p. 5-6, grifo da autora)

Logo, a memória coletiva está sujeita a modificações, pois ela torna-se alvo de disputas. Os grupos que obtêm destaque e conseguem impor a sua visão do passado adquirem poder, já que suas memórias dão sentido aos acontecimentos sociais. É com base nas memórias relatadas e constituídas desses grupos que se forma uma determinada visão do passado que se torna dominante.

Podemos considerar que os grupos que contam sua história são os grupos vencedores, que terão suas experiências transmitidas e instituídas socialmente. Porém, como destacado por Jelín, não existe apenas uma memória e os grupos que são desconsiderados permanecem cientes de seus pontos de vista e aguardam o momento em que poderão transmitir suas experiências.

Essas disputas por um lugar na memória ocorrem constante e continuamente nas sociedades, onde os grupos se confrontam e interagem. Entretanto, algumas disputas podem se tornar uma luta pelo direito de relatar suas memórias.

Em períodos que consideraremos aqui como estáveis, as interações entre os grupos ocorrem de maneira pacífica, sem produzir mudanças drásticas, contudo, em certos momentos, as relações tornam-se intensamente conflituosas, gerando mudanças abruptas. Temos como exemplo os episódios ditatoriais em algumas nações, quando uma ditadura se instala, geralmente, a mudança ocorre rapidamente e os indivíduos não podem se manifestar. Instauram-se, assim, novos valores, de acordo com as crenças do grupo que detém o poder.

Nesses casos, os grupos mantidos à margem do processo conservam suas memórias e valores, aguardando o momento em que poderão manifestar suas memórias. Em momentos de ruptura com o passado anteriormente estabelecido, a memória e a identidade coletiva passam por um processo de reinterpretação e são questionadas por seus componentes. De acordo com Jelín (2002, p.26), “los períodos de crisis internas de un grupo o amenazas externas generalmente implican reinterpretar la memoria y cuestionar la propia identidad”.

Quando grandes mudanças são impostas à sociedade há uma perda identitária. Os indivíduos deixam de se reconhecer nos valores do passado, já que a memória adquire novos sentidos, obrigando-os a reelaborarem suas experiências sob novos valores:

Estos períodos son precedidos, acompañados o sucedidos por crisis del sentimiento de identidad colectiva y de la memoria (POLLACK,1992). Son los momentos en que puede haber una vuelta reflexiva sobre el pasado, reinterpretaciones y revisionismos, que siempre implican también cuestionar y redefinir la propia identidad grupal. (JELÍN, 2002, p. 26)

Os períodos de crise são capazes de alterar significativamente a memória coletiva e individual. Esses períodos podem causar também traumas que implicam uma dificuldade de constituir a memória, produzindo muitas vezes esquecimento e silêncio.

Como explicitado no item anterior, a memória está sujeita a traumas. Eles podem ser consequência de acidentes físicos ou de situações de violência ou sofrimento extremo vivenciadas por indivíduos ou grupos. Nos ateremos aqui aos traumas causados por situações extremas.

Poderíamos assumir que o ato de esquecer faz parte da dinâmica da memória, tendo em vista que não recordamos todas as nossas experiências ao mesmo tempo. Esquecer pode estar associado à inacessibilidade da memória. Se considerarmos as afirmações de Bergson, esquecer seria o movimento de manter a totalidade de nosso passado, a memória, em suspenso, para que ela não invada o presente e nos paralise.

No entanto, na experiência traumática o esquecimento impede que os indivíduos e grupos imprimam um sentido ao presente a partir da memória de suas experiências. Suas memórias permanecem suspensas, mas os mecanismos de acesso a elas não são capazes de acioná-las e, deste modo, eles não podem elaborar suas vivências do passado. Excetuando-se os fatores físicos que causam esquecimento, os fatores psicológicos capazes de bloquear o acesso à memória podem ser inúmeros.

Em certos momentos, instauram-se políticas de esquecimento, nas quais os componentes da sociedade são influenciados ou obrigados a esquecer. Isto não significa que eles não acessem essas memórias individual ou coletivamente, mas sim que evitam debater a respeito. Estas políticas se desenvolvem, muitas vezes, em consequência de disputas pelo poder, onde grupos vencedores procuram impedir que certos relatos se disseminem.

Las borraduras y olvidos pueden también ser producto de una voluntad o política de olvido y silencio por parte de actores que elaboran estrategias para ocultar y destruir pruebas y rastros, impidiendo así recuperaciones de memorias en el futuro. (JELÍN, 2002, p. 29)

Outras vezes, essas políticas estão ligadas a momentos traumáticos para toda a sociedade, que procura reprimir ou esquecer tais acontecimentos para não revivê-los. A recusa em transmitir as experiências vividas se dá pela capacidade que elas têm de ferir. Segundo Jelín, “la contracara del olvido es el silencio” (2002, p. 31). Para a autora, os silêncios não se dão apenas em relação a um Estado dominante, mas também em grupos sociais. Assim, os silêncios não ocorrem apenas por opressão política, eles podem ocorrer em pequenos grupos, por variados motivos: “También hay voluntad de silencio, de no contar o transmitir, de guardar las huellas encerradas en espacios inaccesibles, para cuidar a los otros, como expresión del deseo de no herir ni transmitir sufrimientos.” (JELÍN, 2002, p. 31).

Os silêncios também podem acontecer devido à falta de alguém que possa escutar os relatos daqueles que testemunharam os acontecimentos. Nesse caso, não há transmissão do que foi vivenciado, perde-se o testemunho e as memórias daqueles capazes de relatar suas experiências.

Deste modo, esquecimento e silêncio são fatores que interagem na constituição da memória. Eles contribuem para que algumas memórias se destaquem enquanto outras continuam sendo desconsideradas, permanecendo à margem dos processos de interpretação do passado.

É com base nesses aspectos sociais da memória que analisaremos, a seguir, a narrativa de Harry Potter, buscando na trama passagens que demonstrem como a memória se constitui na sociedade bruxa.

3 A SÉRIE HARRY POTTER

A série literária escolhida, Harry Potter é composta por sete livros:

1. Harry Potter e a Pedra Filosofal
2. Harry Potter e a Câmara Secreta
3. Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
4. Harry Potter e o Cálice de Fogo
5. Harry Potter e a Ordem da Fênix
6. Harry Potter e o Enigma do Príncipe
7. Harry Potter e as Relíquias da Morte

Enquadra-se no gênero infanto-juvenil e teve sua estória adaptada para os cinemas, numa sequência de oito filmes, além de contar com outros livros que expandem o universo da série e também com um parque de diversões em Orlando (Flórida, EUA) que recria alguns dos locais da estória.

Os livros narram a estória do menino Harry Potter que, em seu aniversário de 11 anos, descobre ser um bruxo. Ele foi criado por seus tios que são pessoas normais, ou, como são denominados nos livros, trouxas (aqueles que não são bruxos). Até aquele momento, o menino não tinha ciência sobre a existência de bruxos no mundo, visto que seus tios, embora soubessem, não contaram que seus pais pertenciam a esta sociedade.

Ao descobrir este traço desconhecido de sua vida, ele toma ciência também de que seus pais foram assassinados por um bruxo das trevas, conhecido como Lorde Voldemort ou Você-sabe-quem e, além disso, Harry descobre ser a única pessoa que sobreviveu à maldição da morte, pois na mesma noite em que matou seus pais, Voldemort tentou matar Harry, tentativa que o fez desaparecer. Por este motivo, Harry é famoso na sociedade bruxa, conhecido como o Menino Que Sobreviveu.

A partir desse primeiro desvelamento, a estória segue numa sequência de descobertas em que Harry se depara com inúmeros fragmentos de seu passado que lhe possibilitam reconstituir sua história e entender as questões que lhe atormentam.

3.1 LITERATURA E MEMÓRIA

Neste subcapítulo serão explicitadas as questões na trama de Harry Potter que caracterizam a problemática da memória, particularmente as questões relativas à memória individual, à memória coletiva e as diferentes tradições que formam a sociedade bruxa. Visando uma exposição clara das passagens que se destacam dentro destas temáticas, os tópicos se apresentarão individualmente.

3.1.1 Memória Individual e Coletiva

A relação entre a memória individual e coletiva se apresenta já no início da estória de Harry Potter, visto que o menino possuía até seus onze anos uma memória que não continha nenhum rastro de sua origem bruxa, suas experiências eram totalmente voltadas para a sociedade que definiremos aqui como trouxa, de acordo com a autora J. K. Rowling. Em sua memória não havia nenhum vestígio que o ligasse aos bruxos, embora o garoto fosse famoso nesta sociedade por um feito que desconhecia. O primeiro desvelamento ocorre na cena seguinte:

_ [...] Harry, você é um bruxo.

[...]

_ Eu sou o quê? – ofegou Harry

_ Um bruxo, é claro _ repetiu Hagrid, recostando-se no sofá , que gemeu e afundou ainda mais _, e um bruxo de primeira, eu diria, depois que receber um pequeno treino. Com uma mãe e um pai como os seus, o que mais você poderia ser? E acho que já está na hora de ler a sua carta. (ROWLING, 2000, p. 42)

É o momento em que há a ruptura com o mundo que Harry conhecia e a descoberta de uma nova realidade. Ele obtém informação sobre um passado seu que desconhecia, por ter sido criado pelos tios que figuram como personagens de poder em sua vida selecionando os fatos e transmitindo apenas aquilo que consideram necessário.

Já no início, Harry obtém informações sobre sua origem bruxa como, por exemplo, a morte dos pais:

_ *Acidente de carro!* – rugiu Hagrid, erguendo-se com tanta raiva que os Dursley voltaram correndo para o canto da sala. – Como é que um acidente de carro poderia matar Lílian e Tiago Potter? Isto é um absurdo! Um escândalo! E Harry Potter não conhecer a própria história, quando qualquer garoto no nosso mundo conhece o nome dele! (ROWLING, 2000, p. 44, grifo da autora)

Logo, fica claro que sua memória individual constituída pelo que seus tios se limitavam a contar sobre seus pais não corresponde à realidade, principalmente quando a personagem Petúnia, tia de Harry, diz:

_ Juramos quando o aceitamos que poríamos um fim nessa bobagem - disse tio Válter -, juramos que erradicaríamos isso nele. Bruxo, francamente!
 _ Você *sabia?* – perguntou Harry. – Você *sabia* que eu sou um... bruxo?
 _ Sabia! – guinchou tia Petúnia de repente – *Sabia!* Claro que sabíamos! Como poderia não ser, a maldita da minha irmã sendo o que era! Ah, ela recebeu uma carta igual a essa e desapareceu, foi para aquela... aquela escola... e voltava para casa nas férias com os bolsos cheios de ovas de sapo, transformando xícaras em ratos. Eu era a única que a via como ela era... uma aberração da natureza! Mas para minha mãe e meu pai, ah não, era Lílian isso e Lílian aquilo, tinham orgulho de ter uma bruxa na família! (ROWLING, 2000, p.44, grifo da autora)

As revelações feitas a Harry permitem que ele comece a construir a memória relacionada aos seus pais, sobre os quais não tinha informações, visto que seus tios evitavam o assunto, e também ao mundo bruxo, ao qual ele pertence e não ao mundo dos trouxas no qual viveu.

A memória individual do garoto está diretamente ligada à memória coletiva da sociedade bruxa, visto que seus pais foram assassinados pelo bruxo das trevas mais poderoso já conhecido e ele foi o único a sobreviver ao ataque dele. Ou seja, sua vida está entrelaçada a um episódio traumático da sociedade bruxa.

Ora, sua mãe e seu pai eram os melhores bruxos que eu já conheci. Primeiros alunos em Hogwarts no seu tempo! Suponho que o mistério era por que Você-Sabe-Quem nunca tentou convencer os dois a se aliar a ele antes... provavelmente sabia que eram muito chegados a Dumbledore para querer alguma coisa com o lado das Trevas. [...]
 Você- Sabe-Quem matou os dois. E então, e esse é o verdadeiro mistério da coisa, ele tentou matar você. Queria fazer o serviço completo, acho, ou então tinha começado a gostar de matar. Mas não conseguiu. Você nunca se perguntou como arranjou essa marca na testa? Isso não foi um corte normal. Isso é o que se ganha quando um feitiço poderoso e maligno atinge a gente; destruiu seus pais e até sua casa, mas não fez efeito em você, e é por isso que você é famoso Harry. (ROWLING, 2000, p.45-46)

Não só seus pais foram assassinados por um bruxo que causou terror à sociedade, como também foi ele, Harry, o único a sobreviver a um feitiço deste bruxo. Além disso, o

Lorde das Trevas não foi mais visto desde o dia em que atacou Harry, o que gera rumores na sociedade bruxa, sobre o que lhe teria acontecido:

Tem quem diga que ele morreu. Besteira, na minha opinião. Não sei se ele ainda tinha humanidade suficiente para morrer. Tem quem diga que ainda está lá fora esperando, ou coisa parecida, mas não acredito. [...]
A maioria de nós acha que ele ainda anda por aí, mas perdeu os poderes. Está fraco demais para continuar. Porque alguma coisa em você acabou com ele, Harry. Aconteceu alguma coisa, naquela noite, com que ele não estava contando, eu não sei o que foi, ninguém sabe, mas alguma coisa em você o aleijou, para valer. (ROWLING, 2000, p. 47)

Apesar de ser uma ficção, a história de Harry Potter evidencia características das sociedades em geral, pois assim como sua história está diretamente ligada à história da sociedade bruxa, também a história individual de cada pessoa está ligada à construção da memória social. Mesmo com suas diferenças, pessoas e grupos contribuem, a partir de suas tradições e práticas culturais, para a construção de uma memória coletiva, ainda que “en cualquier momento y lugar, es imposible encontrar *una* memoria, una visión y una interpretación únicas del pasado, compartidas por toda una sociedad” (JELÍN, 2002, p. 5, grifo da autora).

A partir do momento em que Harry torna-se consciente de sua identidade como bruxo, torna-se imprescindível a ele descobrir mais sobre seu passado, pois como defende Nora: “Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens” (1993, p. 15).

Como o personagem só descobre sua origem bruxa após passar 11 anos vivendo como um trouxa, sua principal fonte de informação se torna essa nova sociedade que ele desconhece. Pode-se considerar que sua primeira conversa com Hagrid é a mais reveladora, pois ela inicia sua trajetória de desvelamento que segue até o último livro da série, as *Relíquias da Morte*, além de ser seu primeiro contato com um indivíduo inserido completamente na cultura da sociedade bruxa.

O menino parte, então, em busca de relatos, objetos e outros meios para descobrir suas origens. Apesar de não ter crescido em meio à cultura bruxa, sua inserção, mesmo que tardia, proporciona a ele o conteúdo de que necessita para construir sua identidade como bruxo.

Evidencia-se assim a importância que a sociedade tem para a construção de uma identidade. No caso de Harry, por anteriormente estar inserido numa sociedade trouxa, pouco sabia a respeito de seus pais ou sobre ser bruxo e, quando é posteriormente inserido nesse

mundo, sua memória individual é insuficiente para situá-lo e ele precisa buscar na memória coletiva dados que lhe permitam construir sua identidade e uma memória de seu passado:

Las memorias individuales están siempre enmarcadas socialmente. Estos marcos son portadores de la representación general de la sociedad, de sus necesidades y valores. Incluyen también la visión del mundo, animada por valores de una sociedad o grupo. Para Halbwachs, esto significa que «sólo podemos recordar cuando es posible recuperar la posición de los acontecimientos pasados em los marcos de la memoria colectiva [...]» (JELÍN, 2002, p.20)

É possível perceber que Harry está constituindo uma memória individual ligada ao mundo bruxo quando, ao se encontrar confuso na ida, pela primeira vez, para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, ele ouve a conversa de uma família de bruxos falando sobre trouxas, o que gera reconhecimento.

O garoto os segue e aprende como chegar à plataforma nove e meio, contatando pela primeira vez uma família bruxa. O que só é possível devido ao seu prévio conhecimento, mesmo que escasso, da cultura da sociedade deles. Torna-se evidente que para se compreender os termos e signos de um grupo de indivíduos, independentemente de seu tamanho, necessita-se saber o básico sobre eles, o que pode ser possível apenas se houver troca com os componentes do grupo. Harry só identificou outros bruxos, porque Hagrid já havia ensinado sobre aquela forma de chamar os não bruxos. Caso o menino não fizesse parte daquele mundo, ouvir o termo trouxa, não teria significado para ele.

Sendo assim, estar inserido em um grupo, garante a apreensão de significados para coisas que, em outra circunstância não teriam representado nada e não vinculariam a certo grupo. Da mesma forma, nas sociedades, em geral, os grupos possuem modos de interação particulares e as formas de agir, falar ou os símbolos que carregam permitem a identificação.

O garoto então já se encontra inserido no meio bruxo e segue com sua série de desvelamentos. No primeiro livro, ele descobre outra informação importante, que Lorde Voldemort não morreu como alguns acreditavam, mas que esteve escondido durante anos, tentando se fortalecer para retornar.

A partir desse momento, a narrativa se desenrola tendo como foco, além das descobertas de Harry, as revelações que são feitas sobre Voldemort e a relação entre os dois. Estas descobertas não são feitas apenas por meio de relatos de bruxos, mas também através de objetos. Assim como nas sociedades atuais, as pessoas utilizam objetos como meio de ancorar o passado no presente, J. K. Rowling inseriu na trama formas de recuperação da memória

através tanto de objetos comuns ao mundo cotidiano, quanto através de instrumentos fictícios existentes no mundo bruxo.

A criação de tais recursos de recuperação da memória na narrativa infanto-juvenil reforça a ideia de que a questão de memória tornou-se uma preocupação da sociedade contemporânea e se reflete na produção literária, como observa Jelín:

Coexiste y se refuerza con la valoración de lo efímero, el ritmo rápido, la fragilidad y transitoriedad de los hechos de la vida. Las personas, los grupos familiares, las comunidades y las naciones narran sus pasados, para sí mismos y para otros y otras, que parecen estar dispuestas/os a visitar esos pasados, a escuchar y mirar sus iconos y rastros, a preguntar e indagar. Esta <<cultura de la memoria>> es en parte una respuesta o reacción al cambio rápido y a una vida sin anclajes o raíces. (2002, p.9)

Um dos primeiros objetos de memória a surgirem na vida de Harry é o álbum de fotografias que Hagrid lhe dá momentos antes do retorno à casa dos tios para as férias de verão. As fotos retratam o menino com seus pais, em momentos de sua vida juntos, antes do acontecimento trágico. O álbum passa a ser um instrumento de resgate de seu passado, guardando parte de suas memórias. Junto com a capa da invisibilidade que ele ganhou de Natal, os dois objetos permitem que Harry recupere parte do passado de seus pais, visto que as fotos retratam a família que formavam e a capa representa uma parte de seu pai, uma herança deixada por Tiago Potter.

Observa-se que Rowling inseriu objetos usuais do mundo cotidiano, mas imprimindo-lhes funções diferentes. A capa que pertencera ao pai é um objeto mágico, que torna invisível aquele que a utiliza, ao passo que o álbum é composto de fotografias que se movem, como se as pessoas estivessem vivas na imagem. A capa e o álbum, como objetos ligados à memória afetiva, se diferenciam dos demais objetos de memória inseridos na trama, tais como: a) o espelho de Ojesed; b) o diário de Tom Riddle; c) a Penseira.

a) O espelho de Ojesed é apresentado no primeiro livro, Harry o encontra enquanto vagava pela escola à noite. A função do espelho não é exatamente resgatar a memória, mas sim mostrar a quem se posiciona a sua frente, o momento de realização de seus mais profundos desejos. No caso do menino, o espelho mostra seus pais, num processo no qual se confundem o desejo e a emergência de suas lembranças mais remotas.

O desejo que o espelho reflete está diretamente ligado ao passado de Harry e com base nele, o objeto mágico é capaz de produzir uma imagem que pode se confundir com uma lembrança, utilizando elementos do passado do menino para construir o reflexo de sua família unida.

Este passado resgatado causa um forte efeito no garoto, que passa a dedicar muito tempo para ficar em frente ao espelho, junto à imagem de sua família unida. Pode-se considerar que o espelho, ao trazer à tona esse passado, causa um efeito paralisante em Harry, impedindo-o de agir, como defendido por Bergson (1985 *apud* FERRAZ, 2008) ao argumentar que o cérebro desempenha o papel de suspender a memória, mantendo-a em estado virtual, para tornar possível a ação e impedir a invasão avassaladora das lembranças do passado.

Naquela terceira noite ele encontrou o caminho ainda mais rapidamente que nas noites anteriores. Andava tão rápido que sabia que estava fazendo mais barulho do que seria sensato, mas não encontrou ninguém.

E lá estavam sua mãe e seu pai sorrindo de novo para ele, e um dos seus avós acenava feliz com a cabeça. Harry se abaixou para sentar no chão diante do espelho. Não havia nada que pudesse impedi-lo de ficar ali a noite inteira com a família. Nada. (ROWLING, 2000, p.155)

Como podemos observar na passagem acima, a visão que o espelho proporciona impele o garoto a passar a noite acordado e a voltar diversas vezes à sala em que o espelho se encontra. Ou seja, a imagem do passado exerce uma influência sobre sua forma de agir, impedindo-o de dormir e modificando suas atitudes. Sua atenção volta-se à imagem no espelho e não ao mundo à sua volta.

Para Harry, seus pais nunca se posicionarão junto a ele em frente ao espelho, o que tornaria realidade sua visão. Entretanto, Rony se vê refletido no espelho como vencedor do Campeonato de Quadribol, algo que pode se realizar. A imagem que Rony vê está ligada ao seu futuro, diferentemente da imagem de Harry que retorna ao passado. Apesar de mostrar uma possibilidade futura, o reflexo que Rony enxerga se constitui com base em seu passado, suas experiências.

_ Ele nos mostra o que desejamos... seja o que for que desejamos...

_ Sim e não – disse Dumbledore. – Mostra-nos nada mais nem menos do que o desejo mais íntimo, mais desesperado de nossos corações. Você, que nunca conheceu sua família, a vê de pé à sua volta. Ronald Weasley, que sempre teve os irmãos a lhe fazerem sombra, vê-se sozinho, melhor que todos os irmãos. Porém, o espelho não nos dá nem o conhecimento nem a verdade. Já houve homens que definharam diante dele, fascinados pelo que viram, ou enlouqueceram sem saber se o que o espelho mostrava era real ou sequer possível.

“[...] Não faz bem viver sonhando e se esquecer de viver, lembre-se. [...]” (ROWLING, 2000, p.156)

Acima, pode-se verificar que as duas imagens refletidas no espelho utilizam memórias de experiências passadas para se constituírem, seja mostrando uma imagem impossível de se concretizar, seja projetando um futuro possível.

E o diretor de Hogwarts faz uma declaração que se aproxima bastante da afirmação de Bergson (1985 apud FERRAZ, 2008, p. 187) sobre memórias que invadem avassaladoramente os indivíduos no presente e os paralisam. Dumbledore alerta Harry para o perigo de viver paralisado por sonhos, ou memórias projetadas pelo espelho, e esquecer de agir no mundo.

b) O diário de Riddle é encontrado pelo Menino Que Sobreviveu, no livro *Câmara Secreta*. Inicialmente, ao abrir o diário o menino encontra páginas em branco, porém quando começa a escrever, suas palavras desaparecem e em seu lugar surgem respostas às suas perguntas. E em certo momento o diário o transporta para um fragmento do passado, ocorrido 50 anos antes, em que a Câmara Secreta foi aberta pela primeira vez.

Harry assiste aos acontecimentos apenas como espectador, sem interferir e depois, quando a memória acaba, é enviado de volta para o presente. O diário é um instrumento de memória, criado pela autora para permitir que as personagens obtenham informações sobre o passado, mesmo que não tenham participado dele, como é este caso. O objeto pertencia a um antigo estudante da escola que presenciou os fatos ocorridos 50 anos antes e os deixou registrados virtualmente nas páginas do diário.

Mas o diário na estória não funciona apenas como armazenador de memórias, Rowling também lhe dá características que só seriam possíveis na ficção. Ao final da *Câmara Secreta*, Harry, ao resgatar Gina Weasley, se depara com a presença de Tom Riddle junto a ela na Câmara. Se, como anteriormente explicitado a partir da filosofia de Bergson, o funcionamento de nossa memória supõe que as lembranças se atualizem no momento de recordação, na trama a autora se permite criar um objeto que não só faz emergir a memória de Riddle, mas que é capaz de lhe dar uma forma, transformá-lo em matéria:

Harry arregalou os olhos para ele. Tom Riddle estivera em Hogwarts cinquenta anos atrás, contudo achava-se ali parado, envolto por uma luz estranha e enevoadada, com seus exatos 16 anos.
 _ Você é um fantasma? – perguntou Harry incerto.
 _ Uma lembrança – disse Riddle com suavidade. – Conservada em um diário durante cinquenta anos.

Essa emergência do passado, que apresenta Riddle com 16 anos, é possível por meio de magia e permite a Harry descobrir como a história ocorreu sob o ponto de vista do rapaz, assim como pôde assistir aos acontecimentos quando foi transportado pelo diário às memórias de Tom. No momento em que eles se encontram na Câmara, Riddle conta a Harry como abriu a Câmara e levou Gina a fazê-lo. E revela ao garoto que seu passado está diretamente ligado ao dele:

_ Bem – disse Riddle, dando um sorriso agradável –, como foi que *você* , um garoto magricela, sem nenhum talento mágico excepcional, conseguiu derrotar o maior bruxo de todos os tempos? Como foi que *você* escapou com uma cicatriz, enquanto os poderes de Lorde Voldemort foram destruídos?

Surgia agora em seus olhos vorazes um brilho estranho e avermelhado.

_ Que lhe interessa como escapei? – perguntou Harry lentamente. – Voldemort foi depois do seu tempo...

_ Voldemort – disse Riddle com indulgência – é o meu passado, presente e futuro, Harry Potter...

E, tirando a varinha de Harry do bolso, ele escreveu no ar três palavras cintilantes:

TOM SERVOLEO RIDDLE

Em seguida, agitou a varinha uma vez e as letras do seu nome se rearrumaram.

EIS LORDE VOLDEMORT

_ Entendeu? Era um nome que eu já estava usando em Hogwarts, só para os meus amigos mais íntimos, é claro. Você acha que eu ia usar o nome nojento do meu pai trouxa para sempre? Eu, em cujas veias corre o sangue do próprio Salazar Slytherin, pelo lado de minha mãe? Eu, conservar o nome de um trouxa sujo e comum, que me abandonou mesmo antes de eu nascer, só porque descobriu que minha mãe era bruxa? Não, Harry, criei para mim um nome novo, um nome que eu sabia que os bruxos de todo o mundo um dia teriam medo de pronunciar, quando eu me tornasse o maior bruxo do mundo.

Esta passagem permite que Harry fique ciente de uma parte do passado de Voldemort, que se desvela aos poucos, assim como o seu próprio.

c) A *Penseira* surge no livro *Cálice de Fogo*, quando Harry é deixado sozinho na sala do diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore. Este objeto consiste em uma bacia na qual o diretor pode inserir suas memórias. Também um recurso com características mágicas, onde Dumbledore retira seus pensamentos da cabeça e os deposita na *Penseira*. Podendo mergulhar sua cabeça no objeto e ser transportado para a memória.

- Isso? Chama-se *Penseira*, às vezes eu acho, e tenho certeza de que você também conhece a sensação, que simplesmente há pensamentos e lembranças demais enchendo minha cabeça.

[...]

- Nessas ocasiões – continuou Dumbledore indicando a bacia de pedra – uso a *Penseira*. Escoo o excesso de pensamentos da mente, despejo-os na bacia e examino-os com vagar. Assim fica mais fácil identificar padrões e ligações, compreende, quando estão sob esta forma. (ROWLING, 2001, p. 437)

Estas observações que a personagem Dumbledore faz sobre sua mente estar muito cheia, o que o impede de pensar sobre as informações que possui e precisa externa-las na *Penseira*, nos remete à seguinte observação de Ferraz (2008, p. 187) “o cérebro não serve para guardar ou arquivar lembranças, mas, ao contrário, para suspendê-las, para mantê-las em sua condição virtual, evitando que nos invadam, paralisando-nos e nos impedindo de agir no mundo.”

A Penseira, como um instrumento mágico criado pela autora, permite que as memórias acumuladas por Dumbledore sejam esvaziadas de sua mente, sendo depositadas em uma espécie de mecanismo virtual, o que contribui para que ele enxergue com clareza suas lembranças e possa assim, observando de outro ângulo, chegar a conclusões diferentes.

O espelho, o diário e a penseira são objetos que nos remetem à análise de Bergson e de Assmann, anteriormente desenvolvida, no que concerne à temática de recuperação da memória do plano virtual em que se encontra e de sua atualização conforme as necessidades do presente.

Todavia, Rowling cria no terceiro livro da série, *Prisioneiro de Azkaban*, seres do mundo mágico denominados dementadores. Estes seres malignos são, de acordo com a definição que o professor Lupin fornece a Harry:

[...]estão entre as criaturas mais malignas que vagam pela Terra. Infestam os lugares mais escuros e imundos, se comprazem com a decomposição e o desespero, esgotam a paz, a esperança e a felicidade do ar à sua volta. Até os trouxas sentem a presença deles, embora não possam vê-los. Chegue muito perto de um dementador e todo bom sentimento, toda lembrança feliz serão sugados de você. Se puder, o dementador se alimentará de você tempo o suficiente para transformá-lo em um semelhante... desalmado e mau. Não deixará nada em você exceto as piores experiências de sua vida. E o pior que aconteceu com você, Harry, é suficiente para fazer qualquer um cair da vassoura. Você não tem do que se envergonhar. (ROWLING, 2000, p. 141)

A capacidade do dementador de sugar lembranças pode ser entendida como uma demonstração de que a totalidade do passado é conservada em nossa memória, embora seja mantida em estado virtual, afastada da consciência. As lembranças permanecem em estado latente.

[...] o cérebro funciona como mediador entre as lembranças que se atualizam e a totalidade da memória, que permanece suspensa na virtualidade. Longe de ser local de armazenamento ou arquivo de lembranças, o cérebro é associado à inibição das lembranças, ao esquecimento, remetido à atenção à vida, ao mecanismo de suspensão da memória como um todo no plano da virtualidade. (FERRAZ, 2008, p. 187)

Como Harry ainda está reconstituindo seu passado, o fato de os dementadores serem capazes de fazer emergir memórias tão distantes e das quais ele não tinha consciência é uma forma de demonstrar que o menino, apesar de não lembrar daquele momento, possui de forma latente aquelas memórias. Esta lembrança a que Harry tem acesso ao ser atacado pelos dementadores pode ter sido mantida no plano da virtualidade por ser muito antiga, ou por ser traumática, visto que trata do momento da morte de sua mãe.

Os dementadores levam à consciência as piores lembranças que os indivíduos atacados possuem; em contrapartida, o feitiço capaz de repelir o ataque destes seres, chamado Patrono, requer que os bruxos evoquem suas lembranças mais felizes, para que ele seja conjurado e afaste os dementadores.

Assim, o livro não trata a memória apenas como um recurso literário de desvelamento na trama, mas também traz questões relevantes para o entendimento dela. Por meio dos dementadores, a autora suscita questões a respeito da natureza e funcionamento da memória.

E finalizando a questão de desvelamento de memórias individuais e coletivas e a relação entre elas, temos os objetos de memória que Voldemort utilizou para ocultar partes de sua alma: as Horcruxes.

[...] Horcrux é a palavra usada para um objeto em que a pessoa ocultou parte da própria alma.

[...] – Bem, a pessoa divide a alma, entende – explicou Slughorn -, e esconde uma metade dela em um objeto externo ao corpo. Então, mesmo que seu corpo seja atacado ou destruído, a pessoa não poderá morrer, porque parte de sua alma continuará presa à terra, intacta. (ROWLING, 2005, p. 360).

As Horcruxes, enquanto objetos que o bruxo escolhe para esconder partes de sua alma, aqui podem ser analisados como objetos de memória de Voldemort, visto que os objetos que ele escolhe para tal função estão diretamente ligados à sua história. Como, por exemplo, o anel de seu avô, um item de família que remonta ao tempo de Salazar Slytherin, seu antepassado.

Os objetos escolhidos tem um significado para o bruxo de acordo com suas crenças:

[...] Lorde Voldemort gostava de colecionar troféus, e preferia objetos com uma convincente história mágica. Seu orgulho, sua crença na própria superioridade, sua determinação de abrir para si um lugar surpreendente na história da magia; tudo isto me sugere que Voldemort escolheria suas Horcruxes com algum cuidado, favorecendo objetos que merecessem tal honra. (ROWLING, 2005, p. 365)

Os objetos escolhidos por Voldemort foram: o diário de Tom Riddle, o anel de Servolo Gaunt, o medalhão de Slytherin, a taça de Hufflepuff, o diadema de Ravenclaw, a cobra Nagini. Todos ligados a suas experiências, um representante de seu passado em Hogwarts, quatro itens relacionados aos fundadores da escola e uma representante de sua capacidade de falar a língua das cobras.

Logo, os livros de Rowling apresentam riqueza na criação de instrumentos que permitem o resgate do passado, utilizando não só os relatos dos indivíduos, mas também os mais variados objetos que entrelaçam passado e presente, tal variedade possibilita a

constituição de uma história individual, para Harry e Voldemort, e coletiva, visto que o embate entre estas duas personagens antagônicas se reflete e constitui a história da sociedade bruxa.

3.1.2 Tradição

A tradição se constitui de acordo com a memória, pois os indivíduos ou grupos transmitem seus conhecimentos às gerações futuras e formam assim uma tradição, onde um comportamento ou modo de pensar se repete independentemente do tempo que passe, desde que exista alguém que possua tal memória para transmiti-la. Do Dicionário Online Michaelis:

sf (lat traditio) **1** Ato de transmitir ou entregar. **2** Comunicação ou transmissão de notícias, composições literárias, doutrinas, ritos, costumes, feita de pais para filhos no decorrer dos tempos ao sucederem-se as gerações. **3** Notícia de um feito antigo transmitida desse modo. **4** Doutrinas, costumes etc., conservados num povo por transmissão de pais para filhos. **5** Conjunto de usos, ideias e valores morais transmitidos de geração em geração. **6** Memória, recordação, símbolo. [...]

Em Harry Potter a questão da tradição, da transmissão de doutrinas, pode ser observada logo no início, quando o menino descobre ser bruxo. Seus tios deixam claro que segundo a tradição familiar deles, o normal é não ser bruxo e revelam um preconceito em relação àqueles que o são:

_ Então ela conheceu Potter na escola e eles saíram de casa, casaram e tiveram você, e é claro que eu sabia que você ia ser igual, esquisito, anormal, e então ela vai e me faz o favor de explodir e nos deixar entalados com você! (ROWLING, 2000, p. 44)

A ressalva quanto aos bruxos, dita pela senhora Dursley, assemelha-se ao preconceito demonstrado por Draco Malfoy em seu primeiro encontro com Harry:

_ Ah, lamento _ disse o outro, sem parecer lamentar nada. _ Mas eram do nosso povo, não eram?
 _ Eram bruxos, se é isso que você está perguntando.
 _ Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver, Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos. Por falar nisso, como é o seu nome? (ROWLING, 2000, p. 61)

Aqui o preconceito apresenta-se enraizado em uma tradição familiar, em que os valores morais são transmitidos de pai para filho, contudo, outras passagens evidenciam que esta tradição está presente em uma quantidade significativa de famílias bruxas, caracterizando um traço de uma parcela da comunidade bruxa.

_ Pensei que você sentiria vergonha se uma menina que nem pertence a uma família de bruxos passasse a sua frente em todos os exames – comentou com rispidez o Sr. Malfoy

[...]

_ É a mesma coisa em toda parte – disse o Sr. Borgin, com sua voz untuosa. – Ter sangue de bruxo conta cada vez menos em toda parte...

_ Não para mim – respondeu o Sr. Malfoy com as narinas tremendo. (ROWLING, 2000, p.44)

Assim como os tios de Harry têm preconceito em relação aos bruxos, evidencia-se, nessa passagem, o preconceito de determinadas famílias bruxas contra pessoas que não possuem origem bruxa, que possuem antepassados trouxas. São, portanto, duas tradições que se contrapõem.

Inclusive, na comunidade bruxa existe um termo específico para denominar bruxos de origem trouxa: sangue-ruim, que é considerado um termo ofensivo por aqueles que não compartilham desses preconceitos.

_ É praticamente a coisa mais ofensiva que ele podia dizer – ofegou Rony, voltando. – Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família da Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro. – Ele deu um pequeno arrotto, e uma única lesma caiu em sua mão estendida. Ele a atirou à bacia e continuou: _ Quero dizer, nós sabemos que isso não faz a menor diferença. (ROWLING, 2000, p. 90)

E a seguinte fala de Rony esclarece o fato de nem todos os bruxos compartilharem desse pensamento:

_ E é uma coisa revoltante chamar alguém de... – começou Rony, enxugando a testa suada com a mão trêmula - ...sangue sujo, sabe. Sangue comum. É ridículo. A maioria dos bruxos hoje em dia é mestiça. Se não tivéssemos casado com trouxas teríamos desaparecido da terra.

O próprio Voldemort era partidário desta ideia e foi este o motivo para ele mudar seu nome de Tom Servoleo Riddle, herdado de seu pai trouxa, para Lorde Voldemort, pois apenas sua mãe era bruxa.

O preconceito não se restringe apenas a descendentes de trouxas, ele aparece também na recusa em aceitar as personagens Lupin e Hagrid como professores de Hogwarts, já que eles são, respectivamente, lobisomen e meio gigante. Quando a comunidade descobre que Lupin é lobisomen, o professor se vê obrigado a sair da escola, enquanto Hagrid tem sua história exposta no jornal bruxo, o Profeta Diário, e enfrenta problemas com a comunidade.

A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts atua como uma propagadora de tradições também, porque os quatro fundadores da escola tinham valores morais diferentes e criaram

dentro da instituição casas, com características distintas, que aceitariam apenas alunos que se enquadrassem em seus critérios.

Por este motivo, os alunos, em seu primeiro ano, são divididos em quatro casas de acordo com suas habilidades e, geralmente, integrantes de uma mesma família costumam pertencer à mesma casa. Elas são: Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina. Cada uma tradicionalmente acolhe alunos com características semelhantes, durante a Seleção o chapéu mágico escolhe o destino de cada aluno e canta sobre as quatro:

Quem sabe sua morada é a Grifinória,/ Casa onde habitam os corações indômitos. / Ousadia e sangue-frio e nobreza/ Destacam os alunos da Grifinória dos demais;/ Quem sabe é na Lufa-Lufa que você vai morar,/ Onde seus moradores são justos e leais/ Pacientes, sinceros, sem medo da dor;/ Ou será a velha e sábia Corvinal,/ A casa dos que têm a mente sempre alerta,/ Onde os homens de grande espírito e saber/ Sempre encontrarão companheiros seus iguais;/ Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa/ E ali fará seus verdadeiros amigos,/ Homens de astúcia que usam quaisquer meios/ Para atingir os fins que antes colimaram (ROWLING, 2000, p. 89).

Dentre as quatro casas, a Sonserina é malvista por formar uma maior quantidade de bruxos das trevas e Hagrid comenta este ponto de vista com Harry no seguinte trecho: “_É melhor a Lufa-Lufa do que a Sonserina – sentenciou Hagrid, misterioso. – Não tem um único bruxo nem uma única bruxa desencaminhados que não tenham passado por Sonserina. Você-Sabe-Quem foi um deles”. (ROWLING, 2000, p. 62)

O Chapéu Seletor assegura que bruxos com habilidades específicas sejam selecionados para as casas correspondentes, isto garante que a tradição das casas seja seguida e transmitida a cada ano. Inclusive, o ato de seleção se configura como tradição. Essa seleção só é possível porque o Chapéu lembra os critérios estabelecidos pelos fundadores da escola para a escolha dos alunos para suas casas. O Chapéu simboliza, na narrativa, a capacidade de armazenar, recordar e transmitir valores.

Outra questão que pode ser colocada é a interação entre a sociedade bruxa e trouxa. Apesar de grande parte dos trouxas não terem ciência sobre a existência de bruxos, existe influência entre as sociedades. Como exemplo, tem-se o fato de o Ministro da Magia entrar em contato com os Primeiros Ministros trouxas, para informá-los da existência dos bruxos e alertá-los em situações de crise, como ocorre quando Voldemort retorna. Logo, o ministro trouxa pode tomar atitudes diferentes com base em seu conhecimento.

Além disso, a interação entre bruxos e trouxas gerou a criação, no Ministério, de uma Seção de Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas. Tal seção é responsável por cuidar de casos em que bruxos utilizam artefatos da sociedade trouxa de modo tido como errado, enfeitando-os

e utilizando-os para outros fins. É possível observar que alguns bruxos, como o Sr. Weasley, pai de Rony, têm curiosidade sobre a sociedade trouxa e seu funcionamento. Por exemplo, quando o Sr. Weasley compra um carro trouxa ou quando está internado no hospital bruxo St. Mungus decide utilizar métodos trouxas para fechar seus ferimentos.

_ Me metendo não, Molly, querida – disse ele em tom de súplica -, foi só... só uma coisa que Pye e eu quisemos experimentar... só que infelizmente... bom, nesses tipos de ferimentos... não parece funcionar tão bem quanto esperávamos.

_ *O que significa...?*

_ Bom... bom, não sei se você sabe o que... o que são pontos. (ROWLING, 2003, p.415, grifo da autora)

Como nas sociedades atuais em que há troca de conhecimentos, também é demonstrado em Harry Potter que as duas sociedades se influenciam. O Sr. Weasley decide substituir o tratamento tradicional, com feitiços e medicamentos bruxos, por um método diferente, de origem trouxa, que para seu ferimento não surte efeito. Porém, se houvesse resultado, seria uma opção a ser inserida nos hospitais bruxos.

Isto exemplifica como o contato entre as sociedades pode induzir mudanças que se verificam a nível individual e coletivo, onde as tradições podem se modificar. Trata-se aqui não só de atitudes, como a inserção de novos métodos de cura, mas também de valores que podem se inserir aos valores que a sociedade já possui. Há assim a possibilidade de modificar valores e atitudes constituídas, assim como agregação ao que já se possui.

3.2 LITERATURA E TRAUMA

Como dito anteriormente, a memória está sujeita a esquecimentos, silêncios e traumas. A partir daqui, prosseguiremos com uma abordagem de Harry Potter em relação aos traumas presentes na trama e abordaremos a questão do poder e versões da história, pois, apesar de existirem memórias de pontos de vista diferentes, a versão que se torna dominante é, em geral, construída por aqueles que venceram e que detêm o poder político.

3.2.1 Trauma

O Holocausto, como observa Andreas Huyssen, se constitui como um evento marcante de memória traumática na contemporaneidade. Na trama de Harry Potter, por sua vez, pode-se considerar a ascensão de Lorde Voldemort como o momento traumático marcante para a

história bruxa. É possível, inclusive, estabelecer paralelos entre os dois ícones desses episódios.

Tanto Adolf Hitler quanto Voldemort defendiam uma soberania racial. Em Harry Potter nota-se esta crença quando são expostos os preconceitos contra trouxas e seus descendentes. E o fato de os bruxos evitarem pronunciar o nome de Voldemort, demonstra quão traumática sua ascensão ao poder foi.

_ Bom... não gosto de dizer o nome dele se puder evitar. Ninguém gosta.

_ Por que não?

_ Gárgulas vorazes, Harry, as pessoas ainda estão apavoradas. Droga, como é difícil. Olha, havia um bruxo que virou... mau. Tão mau quanto alguém pode virar. Pior. Pior do que pior. O nome dele era... (ROWLING, 2000, p. 45)

Assim como o Holocausto causou traumas profundos nas sociedades atuais, a ascensão de Voldemort também teve impacto sobre a sociedade bruxa. O trauma originou uma recusa em pronunciar o nome do bruxo, um temor em citar o responsável por um período traumatizante na história bruxa. Em outra passagem quando Harry e Rony conversam:

_ ... e até Rúbeo me contar, eu não sabia o que era ser bruxo nem quem eram meus pais nem o Voldemort.

Rony ficou pasmo.

_ Que foi?

_ *Você disse o nome do Você-Sabe-Quem!* – exclamou Rony parecendo ao mesmo tempo chocado e impressionado. – Eu achava que de todas as pessoas você...

_ Não estou tentando ser corajoso nem nada dizendo o nome dele. É que nunca soube que não podia dizer.[...] (ROWLING, 2000, p.76, grifo da autora).

Desta forma, identifica-se que:

El evento traumático es reprimido o negado, y sólo se registra tardamente, después de pasado algún tiempo, con manifestaciones de diversos síntomas. Nuevamente, en este caso con referencia a procesos individuales e intersubjetivos, nos encontramos con evidencias de que la temporalidad de los fenómenos sociales nos es lineal o cronológica, sino que presenta grietas, rupturas en un re-vivir que no se opaca o diluye con el simple paso del tiempo. (CARUTH, 1995 apud JELÍN, 2002, p. 68)

Mesmo passados dez anos desde a ascensão e queda de Voldemort, as recordações ainda causam silêncios, ou seja, a recusa em falar a respeito ou citar seu nome. Harry, apesar de pronunciar o nome de Voldemort, por não ter tido contato com a comunidade bruxa durante seu crescimento e assim não compartilhar de seu temor pelo ocorrido, ainda assim é

afetado pelas ações do Lorde das Trevas, principalmente após ser atacado pelos dementadores, o que se evidencia na seguinte passagem:

[...] Harry agora sabia a quem pertencia a tal voz. Ouvira o que ela dizia, ouvira-a continuamente nas longas noites passadas na ala hospitalar quando ficava acordado, contemplando as listras que o luar formava no teto. Quando os dementadores se aproximavam, ele ouvia os últimos instantes de vida de sua mãe. Sua tentativa de proteger o filho da sanha de Lorde Voldemort e a gargalhada do bruxo antes de matá-la... Harry dava breves cochilos, mergulhando em sonhos cheios de mãos podres e pegajosas e súplicas fossilizadas, acordando de repente para voltar a pensar na voz da mãe. (ROWLING, 2000, p. 139)

Outro ponto a ser observado, é o fato de Potter sofrer mais intensamente que seus amigos o efeito da ação dos dementadores por ter passado por situações traumáticas. Como vimos anteriormente, quando tinha um ano de idade, seus pais foram assassinados e ele, inconscientemente, guarda as lembranças desse momento e essas lembranças só emergem à superfície da consciência quando ele é atacado pelos dementadores. Seu maior trauma vem à tona.

Todavia, não só os bruxos que estavam contra Você-Sabe-Quem eram afetados pelo trauma, bruxos partidários de Voldemort também estavam sujeitos ao trauma. Isto se confirma durante a Copa do Mundo de Quadribol, quando ocorre um tumulto após a final e Comensais da Morte, denominação dos seguidores do Lorde das Trevas, surgem como responsáveis por assustar os bruxos que participam do evento.

É interessante notar o temor que a presença deste grupo causa nos outros bruxos, mas principalmente atentar para o fato de que, quando a Marca Negra, um símbolo associado ao Lorde das Trevas, é conjurada no céu, uma aparição que não era vista há 13 anos, os Comensais fogem do local. A Marca amedronta a todos.

[...]Mas o que é que os seguidores de Você-Sabe-Quem pretendiam fazendo aqueles trouxas levitarem? Quero dizer, qual era o objetivo?

- Objetivo? – disse o Sr. Weasley com uma risada desanimada. – Harry, essa é a ideia que fazem de uma brincadeira. Metade das mortes de trouxas quando Você-Sabe-Quem estava no poder foi feita de brincadeira. Imagino que eles tenham tomado uns drinques esta noite e não puderam resistir ao impulso de nos lembrar que um grande número deles continua em liberdade.

_ Mas, se eles eram realmente os Comensais da Morte, por que desapareceram quando viram a Marca Negra? – perguntou Rony. – Deveriam ter ficado felizes de ver a Marca, não?

- Usa os miolos Rony – disse Gui. – Se eles eram realmente Comensais da Morte, se viraram de todo o jeito para não serem mandados para Azkaban quando Você-Sabe-Quem perdeu o poder, e contaram um monte de mentiras de que ele os forçara a matar e torturar gente. Aposto como sentiram ainda mais medo do que nós ao ver que ele estava voltando. Negaram que estivessem metidos com Você-Sabe-Quem quando ele perdeu o poder e

voltaram às suas vidinhas de sempre... acho que o Lorde não ficaria muito satisfeito de ver essa gente, não é? (ROWLING, 2001, p. 109)

Esta passagem demonstra como o episódio em que Voldemort esteve no poder foi traumático para todos, inclusive seus seguidores, que após sua queda negaram ter cometido crimes por vontade própria, mas sim sob a influência de feitiços.

Muitos Comensais tentaram se desvincular deste episódio, para que pudessem seguir suas vidas normalmente, sem serem condenados à prisão. Por negarem este vínculo com o Lorde das Trevas, eles passaram a temer seu retorno. Logo, quando a Marca Negra foi conjurada na Copa Mundial de Quadribol, eles desapareceram, ou seja, utilizaram a capacidade bruxa de desaparecer em um lugar e aparecer em outro, pois o que podia ser uma brincadeira para eles, se tornou algo mais sério e que poderia colocar em perigo suas reputações.

Outro momento da narrativa que demonstra os traumas é aquele no qual o novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, Alastor Moody, decide demonstrar em sala as três maldições consideradas Imperdoáveis, que foram muito utilizadas na época em que Voldemort ascendeu.

Elas são Imperius, Cruciatu e Avada Kedavra. A primeira é responsável por controlar totalmente o enfeitiçado e, como o professor conta durante a aula, ela deu trabalho ao Ministério da Magia, porque muitos bruxos alegaram estar sob sua influência ao cometerem os crimes. A segunda é capaz de causar dor, usada como instrumento de tortura. Já a terceira, é a maldição da morte, à qual apenas Harry Potter conseguiu sobreviver.

As Maldições que são demonstradas causam choque na turma, principalmente naqueles alunos que têm, em sua história, casos na família de pessoas amaldiçoadas por meio dessa magia, como Harry e Neville. Elas foram amplamente utilizadas quando o Lorde das Trevas estava tomando poder e os pais de Harry foram mortos pela Avada Kedavra, enquanto os de Neville foram torturados pela Cruciatu.

O aluno Neville evita falar sobre seus pais, que lutaram contra Voldemort, tendo uma reação diferente em relação ao trauma da de sua avó.

_ Que é isso! – exclamou a Sra. Longbottom com severidade. – Você não contou aos seus amigos o que aconteceu com seus pais, Neville?

Neville deu um suspiro profundo, olhou para o teto e balançou a cabeça. Harry não se lembrava de ter sentido mais pena de alguém, mas não conseguia pensar em algum jeito para ajudar Neville a sair daquela situação.

_ Ora, não é nenhuma vergonha! – disse a Sra. Longbottom, zangada. – Você devia sentir orgulho, Neville, orgulho! Eles não deram a saúde e a sanidade para seu único filho ter vergonha deles, entende!

_ Eu não sinto vergonha – explicou Neville com a voz fraquinha, ainda olhando para qualquer lado menos para Harry e os outros. Rony agora estava nas pontas dos pés para espiar os pacientes nas duas camas.

_ Bom, você tem uma maneira engraçada de demonstrar! – disse a Sra. Longbottom. – Meu filho e a mulher – continuou ela virando-se com arrogância para Harry, Rony, Hermione e Gina – foram torturados até a insanidade pelos seguidores de Você-Sabe-Quem. (ROWLING, 2003, p. 420)

Avó e neto lidam de modos diferentes com o trauma sofrido, enquanto ele prefere não mencionar, ela prefere expor aos ouvintes a história de sua família. Como Jelín declara sobre os sobreviventes de Auschwitz: “algunos sintieron el imperativo de contar, como si fuera una necesidad para sobrevivir”(2002, p.82), enquanto para outros “la necesidad de contar puede caer em silencio, en la imposibilidad de hacerlo”(2002, p. 82).

O trauma pode ter consequências para a reconstituição da memória, pois episódios traumáticos podem gerar nos indivíduos a incapacidade de transmitir o ocorrido, numa tentativa de não reviver este passado em lembranças, o que pode impedir que se construa uma história do ocorrido com base em testemunhos daqueles que presenciaram os acontecimentos. A ascensão de Voldemort se configura como um trauma histórico na sociedade bruxa, porém

Estamos aquí frente a una de las paradojas del <<trauma histórico>> que señala el doble hueco en la narrativa: la incapacidad o imposibilidad de construir una narrativa por el vacío dialógico – no hay sujeto y no hay oyente, no hay escucha -. Cuando se abre el camino al diálogo, quién habla y quién escucha comienzan a nombrar, a dar sentido, a construir memorias. Pero se necesitan ambos, interactuando em um escenario compartido. (JELÍN, 2002, p. 84)

Além de Rowling inserir na trama o efeito dos traumas na reconstrução da memória e exemplificar as atitudes que podem decorrer do trauma em personagens como Neville e sua avó, ela também inseriu um personagem que tem sua memória perdida em decorrência de um trauma.

O professor Gilderoy Lockhart em a *Câmara Secreta* é atingido por um feitiço e perde sua memória. No livro a *Ordem da Fênix* ele volta a aparecer como paciente do Hospital St. Mungus e em conversa com Harry e seus amigos, a curandeira diz:

_ Escutem só ele – falou a Curandeira, segurando o braço de Lockhart e sorrindo carinhosamente para o bruxo como se ele fosse uma criança precoce de dois anos. – Ele era muito conhecido há alguns anos; temos esperanças de que esse gosto por autógrafos seja um sinal de que sua memória está voltando. Querem vir por aqui? Ele está em uma enfermaria fechada, sabem, deve ter escapulado enquanto eu entrava com os presentes de Natal, normalmente a porta fica trancada... não que ele seja perigoso! Mas – e ela baixou a voz e sussurrou: - é um perigo para ele mesmo, Deus o abençoe...

não sabe quem é, entendem, sai por aí e não consegue se lembrar como voltar... que bom vocês terem vindo vê-lo. (ROWLING, 2003, p.417)

Lockhart perdeu sua capacidade de recordar, ainda que suas memórias permaneçam em estado inconsciente. Sua insistência em dar autógrafos demonstra que algo de seu passado está voltando à sua consciência, em fragmentos que ele ainda não consegue compreender, por não ter uma noção do todo de suas memórias.

El ejercicio de las capacidades de recordar y olvidar es singular. Cada persona tiene <<sus propios recuerdos>>, que no pueden ser transferidos a otros. Es esta singularidad de los recuerdos, y la posibilidad de activar el pasado en el presente – la memoria como presente del pasado, en palabras de Ricoeur (1999: 16) – lo que define la identidad personal y la continuidad del sí mismo en el tiempo. (JELÌN, 2002, p. 19)

O professor não tem acesso às informações que o definiam e por isso não pode dar continuidade a sua vida como antes, estando sujeito a acidentes por sua incapacidade de lidar com certas situações.

Deste modo, percebe-se que a autora criou na estória personagens que abordam temas que afligem a sociedade atual, como os traumas que influenciam a recuperação de memória e como esses traumas podem ser observados nos indivíduos que os sofreram.

3.2.2 Poder e versões da história

Outra questão que se destaca na série Harry Potter é a existência de várias versões de um mesmo acontecimento. Como já vimos, quando a história de uma sociedade está sendo construída é necessário resgatar fragmentos do passado para reconstituir os acontecimentos. Para isso conta-se com relatos e documentos, inclusive para a produção de programas televisivos, filmes, livros históricos. E quando há versões diferentes para um mesmo episódio, surge a dificuldade em estabelecer os acontecimentos. Muitas vezes a versão escolhida é influenciada por aqueles que detêm o poder.

Dois episódios já citados estão relacionados a esta questão de versões da história. O primeiro refere-se aos tios de Harry, que atuam em sua vida como detentores do poder. Eles transmitem ao menino a versão da história de seus pais que atende melhor a seus valores, omitindo a origem bruxa do garoto.

O segundo episódio relaciona-se à memória a que Harry tem acesso por meio do diário de Tom Riddle. Na lembrança que ele testemunha, Hagrid, quando ainda era aluno de Hogwarts, aparece como o culpado por ter aberto a Câmara Secreta, pois na memória Riddle o

acusa. E na lembrança há um animal com Hagrid que Harry pensa ser o monstro responsável pelos ataques aos alunos. Contudo, ao final do livro, Harry descobre que o responsável era o próprio Riddle e que Hagrid foi acusado injustamente.

Existem ainda duas outras passagens que ilustram a questão. No *Prisioneiro de Azkaban*, Harry descobre que tem um padrinho e que este foi acusado de contar para Lorde Voldemort onde ficava o esconderijo de seus pais. Segundo a versão oficial do Ministro da Magia, Sirius Black, ao saber que seus amigos Lílian e Tiago Potter estavam mortos, fugiu e quando encurralado por outro amigo, executou um feitiço que matou não só o amigo como vários trouxas que estavam ao redor. Sendo preso logo depois.

Tem-se, então, a versão contada a partir dos relatos daqueles que presenciaram os fatos, tanto os bruxos quanto alguns trouxas que estavam presentes, na ocasião. Entretanto, ao final do livro descobre-se que tais relatos não são inteiramente verdadeiros.

No desfecho do livro, Harry encontra seu padrinho e descobre a sua versão sobre a história. Sirius conta a Harry que não foi escolhido por Lílian e Tiago Potter para ser o fiel do segredo de seu esconderijo, mas sim seu amigo Pedro Pettigrew. Ele revela também que não assassinou o amigo. Foi Pedro quem entregou o segredo a Voldemort e assassinou as pessoas ao redor quando Sirius o encontrou. Para sair impune, Pettigrew que tinha se tornado um animago (um bruxo com a capacidade de se transformar em um animal), tomou a forma de um rato. Tal atitude fez com que todos acreditassem que Sirius era o culpado pelas mortes.

A versão oficial que foi construída com base em testemunhos não se provou verdadeira e se Sirius não tivesse fugido de Azkaban, talvez Harry nunca soubesse quem era o verdadeiro responsável por ajudar Voldemort a matar seus pais. Infelizmente, para Harry não é possível mudar a versão oficial, já que Pettigrew consegue fugir, impedindo que o Ministério da Magia fique ciente da história de Sirius, pois precisavam de Pedro para provar a versão de seu padrinho.

Outro momento de destaque na história ocorre a partir do livro *Cálice de Fogo*, pois Harry testemunha o retorno de Voldemort à vida. O quinto livro *Ordem da Fênix* se desenrola sob a perspectivas das versões contadas a respeito desse acontecimento. Harry, o diretor de Hogwarts e alguns outros membros da comunidade bruxa creem que o Lorde das Trevas realmente retornou, porém grande parte dos bruxos se negam a acreditar.

O Ministério da Magia ocupa o lugar de poder na história. O Ministro da Magia é um dos incrédulos e considera essa versão uma artimanha de Dumbledore para tomar o poder e se tornar ministro. A recusa da comunidade em acreditar também está ligada ao medo que o retorno de Voldemort representa. E como o Ministério combate o testemunho de Harry,

afirmando que não há provas e assim nada a temer, a credibilidade do menino é destruída, afinal o representante do poder nega o retorno de Você-Sabe-Quem.

Além disso, a credibilidade de Harry é destruída por reportagens feitas pelo jornal bruxo, Profeta Diário, que tem o apoio do Ministério e publica matérias que desacreditam Harry e Dumbledore.

O ministro, receando que Dumbledore consiga apoio para tomar o Ministério, resolve colocar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts um membro do Ministério que lhe é leal, a professora Dolores Umbridge, que passa a ministrar aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas e é responsável por interferências na escola de acordo com as decisões do Ministério.

Umbridge então começa a ensinar toda a teoria de Defesa Contra as artes da Trevas para suas turmas, proibindo que os alunos pratiquem feitiços ou mesmo que utilizem as varinhas durante as aulas. Quando questionada pelos alunos sobre como aprenderiam a se defender dos perigos externos sem praticar na escola, a professora utiliza as alegações do Ministério e critica a forma como Hogwarts tem sido administrada.

- Não quero criticar o modo como as coisas têm sido conduzidas nesta escola – disse ela, um sorriso pouco convincente distendendo sua boca rasgada -, mas os senhores foram expostos a alguns bruxos muito irresponsáveis, isto para não falar – ela deu uma risadinha desagradável – em mestiços extremamente perigosos. (ROWLING, 2003, p. 200)

[...] Como eu ia dizendo, os senhores foram informados de que um certo bruxo das trevas está novamente solto. Isto é mentira.

[...] O Ministério da Magia garante que não estamos ameaçados por nenhum bruxo das trevas. Se os senhores continuam preocupados, não se acanhem, venham me ver quando estiverem livres. Se alguém está alarmando os senhores com lorotas sobre bruxos das trevas renascidos, eu gostaria de ser informada (ROWLING, 2003, p. 202).

Dando continuidade aos planos do Ministério de controlar a escola e desacreditar o retorno de Voldemort, Dolores é nomeada Alta Inquisidora de Hogwarts. Conforme anunciado pelo jornal bruxo:

“Inicia-se assim uma nova fase no plano ministerial para enfrentar o que alguns têm chamado de queda nos padrões de Hogwarts”, diz Weasley. “A Inquisidora terá poderes para inspecionar seus colegas educadores e assegurar de que estejam satisfazendo os padrões desejados” (ROWLING, 2003, p. 253)

Utilizando-se de sua nova incumbência, a professora cria diversas regras para os alunos, fazendo com que sua insatisfação aumente. Harry e seus amigos, insatisfeitos principalmente com a restrição ao uso de feitiços, decidem organizar um grupo para aprenderem a se defender. Harry, por ter enfrentado mais perigos que os outros em sua

trajetória, assume o cargo de professor, ensinando aos amigos como realizar feitiços que Umbridge só lhes permite aprender a teoria. Eles se intitulam Armada de Dumbledore.

Umbridge cria a Brigada Inquisitorial, em que alunos são responsáveis por seguir outros alunos suspeitos e delata-los. Draco Malfoy é um dos nomeados e passa a perseguir Harry e seus amigos, a fim de descobrir o que fazem e se estão realmente agindo contra as regras. A Brigada Inquisitorial é uma forma de impor poder dentro da escola. Umbridge também estende o poder do Ministério às atividades dos professores, pois ela passa a avaliá-los, o que resulta na demissão da professora de Adivinhação, Sibila Trewlaney.

Já que estão sofrendo coerção em Hogwarts, Hermione convence Harry a conceder uma entrevista ao jornal do pai de Luna Lovegood, aluna da Lufa-Lufa. Nesta entrevista Harry conta sua história sobre o retorno de Voldemort, para permitir que a sociedade bruxa tenha acesso aos dois lados da história. Quando a matéria é publicada, Harry começa a receber cartas de apoio de vários bruxos, que consideram que a entrevista contribuiu para esclarecer os pontos nebulosos.

Umbridge, ao saber da entrevista, coloca o menino em detenção e proíbe os alunos da escola de lerem o Pasquim, jornal em que a matéria foi publicada. Contudo, todos os alunos a lêem e muitos passam a acreditar em Harry.

Apesar das proibições de Umbridge e do Ministério, eles encontram um meio de contar sua versão da história e dão aos leitores a oportunidade de acreditar em uma delas. A autora inseriu no livro uma instituição detentora de poder e seus perpetradores. E fez com que durante a trama eles utilizassem meios de impedir que os grupos menores contassem sua história.

Porém, mesmo com uma versão oficial, as versões da minoria não deixaram de existir e ficaram aguardando uma oportunidade de se disseminarem. E, no caso de Harry Potter, a versão da minoria impôs-se e tomou o lugar da versão oficial, modificando a estória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como motivação o melhor entendimento de como as questões de memória se inserem nos contextos sociais e como muitos de seus aspectos são abordados pela criação literária, particularmente a literatura ficcional. Para isso, foi essencial realizar uma pesquisa bibliográfica acerca do tema de memória e também a delimitação do objeto de estudo. Foi definida a série Harry Potter como objeto de análise, com o fim de verificar se a série traz elementos que problematizem questões relevantes na contemporaneidade acerca da memória.

Como objetivo geral, definimos que verificaríamos se a série pode atuar como item problematizador de questões pertinentes na contemporaneidade e fonte de informações sobre as questões da memória. Definimos, ainda, que os objetivos específicos a serem desenvolvidos seriam identificar na série Harry Potter elementos referentes ao tema da memória e verificar se esses elementos atendiam aos critérios para inserir a série no gênero ficção de memória.

Algumas dificuldades se apresentaram ao longo do desenvolvimento deste trabalho, pois os estudos sobre memória, como exposto anteriormente, são realizados em diferentes áreas de conhecimento, constituindo uma multiplicidade de abordagens e perspectivas. Dessa forma, foi necessário delimitar um conjunto de autores, de diferentes áreas, para que tivéssemos um panorama do que é a memória e como ela se apresenta na sociedade.

A série Harry Potter, de J. K. Rowling, que alcançou milhões de leitores e foi transformada em diversos produtos, como filmes, parque temático, entre outros, foi escolhida como objeto de estudo, por apresentar, em sua narrativa, múltiplos elementos relacionados à memória e à atualidade. Não houve dificuldade em localizar na trama elementos que poderiam ser relacionados à memória, a dificuldade encontrada foi escolher, dentre as inúmeras situações apresentadas na estória, aquelas que possibilitavam uma melhor exposição tanto do funcionamento e natureza da memória quanto de sua relação com a cultura, expostas nos primeiros capítulos deste trabalho.

Assim, ao longo desta pesquisa, abordamos diferentes aspectos da memória, considerando sua multidisciplinaridade, buscando apresentar conceitos ligados tanto a seu funcionamento quanto a sua relação com a cultura. Em relação a seu funcionamento, podemos afirmar, a partir de Bergson, que a memória faz parte dos indivíduos e está sempre presente em nossas vidas, mantendo-se, porém, em suspenso, até que acontecimentos do presente a atualizem, de acordo com as necessidades da situação atual.

Já sob o cunho social, de acordo com Jelín, podemos considerar que a memória se constitui a partir da interação dos indivíduos com o meio cultural, sendo a cultura o contexto no qual são constituídas percepções e produção de sentido, estando, assim, a memória individual e coletiva interligadas. Os processos de construção da memória tornam-se objeto de disputa dos grupos que compõem a sociedade, visto que há um desejo de disseminar seus pontos de vista e influenciar a coletividade. Além disso, ela está sujeita a esquecimentos e silêncios, que podem ser produzidos por traumas advindos de diversos fatores.

Compreende-se, ainda, a partir da pesquisa bibliográfica, que a memória pode se apresentar de diversas formas e sua conceituação é ampla, permitindo o diálogo entre disciplinas variadas, que não se limitam a investigar seu funcionamento nos seres humanos, mas também sua significação social. Por sua amplitude e abrangência, ela manifesta-se, também, nas criações humanas, justificando-se, assim, o interesse da questão para a pesquisa na literatura.

A série Harry Potter, escolhida como objeto de análise, apresentou em sua narrativa uma multiplicidade de elementos que permitiram o desenvolvimento de análises acerca do tema de memória. Foi possível identificar uma série de questões que se encontram no cerne dos debates atuais sobre a memória, como as questões de memória individual e coletiva, as tradições, os traumas e as versões da história.

Esclareceu-se que a estória de Harry se desenvolve com base no desvelamento sobre seu passado, que é preciso acessar relatos de indivíduos e grupos para construir sua identidade

como bruxo. Isto também ocorre com relação a Voldemort, o que indica que as histórias dos dois personagens antagônicos são elaboradas de forma semelhante. Ambos precisaram acessar o passado para construir suas identidades como bruxos. Como vimos, na trama foram apresentados diversos recursos capazes de evocar as memórias, retirando-as de seu estado virtual, de acordo com Bergson, para atualizá-las no presente, permitindo que os personagens reconstruíssem suas memórias.

Em relação às tradições, vimos que a transmissão de valores só é possível quando indivíduos e grupos vivenciaram experiências e as apreenderam como parte de sua identidade. A memória de fatos, costumes, entre outras são transmitidas a partir da experiência desses indivíduos que desejam perpetuá-las. Como evidencia-se na história de Harry Potter, em que famílias transmitem seus valores de geração em geração e as casas que compõem Hogwarts buscam preservar os mesmos valores de quando a instituição foi aberta.

Quanto aos traumas, foram expostas algumas passagens que demonstram como a ascensão de Voldemort produziu efeitos na sociedade bruxa, provocando medo e silêncios. Os bruxos evitam pronunciar seu nome e alguns bruxos preferem não mencionar o que ocorreu com suas famílias durante o período. Fica evidente que a sociedade bruxa passou por um episódio traumático em sua história, assim como as sociedades atuais, que procuram lidar com esses traumas e também sofrem seus efeitos para a construção de uma memória desta experiência.

Verificou-se que a história apresenta, assim como nas sociedades contemporâneas, uma multiplicidade de versões para um mesmo acontecimento, demonstrando que indivíduos e grupos, apesar de possuírem memórias comuns, também produzem diferentes interpretações do passado, que dependem de seus pontos de vista, valores e da influência daqueles que detêm o poder.

Consideramos, assim, que a literatura é capaz de problematizar as questões da atualidade, recriando-as no plano ficcional e permitindo que os leitores se confrontem com tais problemas, gerando discussões acerca dos temas inseridos, no caso, a memória. Desta forma, os livros da série Harry Potter podem ser considerados como integrantes do gênero “ficções de memória”, abordado ao longo do trabalho, uma vez que sua narrativa é construída num contínuo entrelaçamento entre passado e presente, criando, na ficção, tramas que provocam o enfrentamento dos leitores com as questões de sua época, sendo assim uma fonte de reflexão sobre as preocupações da atualidade.

REFERÊNCIAS

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 453 p.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação entre do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291 p.

EDITORA MELHORAMENTOS (Brasil). **Dicionário Michaelis**: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tradição>>. Acesso em: 24 maio 2015.

EDITORA MELHORAMENTOS (Brasil). **Dicionário Michaelis**: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=memória>>. Acesso em: 24 maio 2015.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Corpo, Cérebro e Memória Na Era da Tecla Save:: Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.181-192, jan. 2008.

GODOY, Roberto. **Memória**. 2012. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/corpo-humano/memoria/>>. Acesso em: 26 mai. 2015.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 161 p.

JELÍN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo Xxi de España Editores, 2002. 146 p.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. 499 p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004. 408 p.

NEUMANN, Birgit. The Literary Representation of Memory. In: ERIL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **A Companion to Cultural Memory Studies**. Madison: de Gruyter, 2008. p. 333-343.

NORA, Pierre. Entre memória e história: Problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, p.7-28, dez. 1993.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 223 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 288 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 348 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 584 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 702 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 510 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 509 p.